

TEOLOGIA, SOCIEDADE & ESPIRITUALIDADE

ISSN 2526-0790

NÚMERO 17 - VOL. 1 - CURITIBA/PR - OUTUBRO DE 2024



fatebe
Faculdade Teológica Betânia

Teologia, Sociedade & Espiritualidade

Revista do Departamento de Teologia da FATEBE

EDITORA

Lidiane R. de Souza

Conselho Editorial

Cícero Manoel Bezerra

Josimaber Siqueira Rezende

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza

Marlon Ronald Fluck

Revisão Final

Lidiane Ribeiro de Souza

Malena Ribeiro Oliveira Clower

Vinicius Barreto Machado

Editoração Eletrônica

Lettícia D'lucca

Diretor Geral

Rogério L. de Souza

Diretora de ensino

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza

Coordenador de Pós-graduação

Eduardo Medeiros

Coordenador de Graduação

Cícero Manoel Bezerra

Coordenador de Cursos Extensão

Rogério Leoderio de Souza

Endereço:

Avenida Iguaçu, 1700 - Água Verde

CEP: 80.240-030 – Curitiba / Paraná / Brasil

Telefone: 55 (41) 3014-8376

Whatsapp: 55 (41) 9 9670 5657

Email: contato@faculdadebetania.com.br

Teologia, Sociedade & Espiritualidade

Artigos

O racismo velado e suas implicações nas práticas espirituais dentro das igrejas evangélicas brasileiras.....04

Me. Nilton Torquato
Danilo Sachs

O método histórico-gramatical: De Antioquia à reforma protestante, uma análise inicial.....18

Me. Rodrigo Rangel
Leonard Múnera Villamil

Repensando o evangelismo pessoal: Orientações para uma abordagem prática, intencional e efetiva.....37

Malena R. O. Clower
Weslley José Silva

A doutrina de Deus e seus impactos na construção teológica e vivência cristã.53

Dr. Josimaber Siqueira Rezende
Esp. Vinícius Barreto Machado

RESENHA:

O papel de Deus no Cosmos: uma análise contemporânea da ação divina na natureza sob a perspectiva tomista.....74

Esp. Vinícius Barreto Machado



O RACISMO VELADO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS ESPIRITUAIS DENTRO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS.

Danilo Sachs¹
Me. Nilton Torquato²

RESUMO

Este trabalho examina o impacto do racismo velado nas igrejas evangélicas no Brasil, destacando sua influência negativa nas experiências espirituais e sociais de membros de minorias étnicas. Este estudo contextualiza historicamente o racismo no Brasil, explorando como a escravidão e a persistente desigualdade racial moldaram as relações sociais e religiosas. A definição de racismo, as suas manifestações sutis e estruturais nas igrejas e o papel histórico da religião na legitimação destas práticas discriminatórias. O estudo também abordou a necessidade de criar ambientes religiosos mais inclusivos onde a diversidade racial seja valorizada. Identifica-se a urgência da consciência e prática antirracismo por parte dos líderes religiosos, sugerindo estratégias como a educação, a promoção da diversidade e a revisão da teologia para combater o racismo. As considerações finais destacam a profundidade do racismo oculto nas igrejas evangélicas e a necessidade de ações concretas para transformar essas comunidades em espaços de igualdade e justiça, refletindo o verdadeiro significado do amor e da integração ensinados por Jesus Cristo.

Palavras-chave: Racismo Velado; Racismo Estrutural; Diversidade Étnica; Justiça Social; Conscientização Antirracista.

ABSTRACT

This study examines the impact of covert racism in Protestant churches in Brazil, highlighting its negative influence on the spiritual and social experiences of ethnic minority members. It provides a historical context of racism in Brazil, exploring how slavery and persistent racial inequality have shaped social and religious relationships. The research defines racism and its subtle and structural manifestations within churches, as well as the historical role of religion in legitimizing these discriminatory practices. The study also addresses the need for creating more inclusive religious environments where racial diversity is valued. It underscores the urgency for religious leaders to adopt anti-racist awareness and practices, suggesting strategies such as education, diversity promotion, and theological revision to combat racism. The final considerations emphasize the depth of hidden racism in Protestant churches and the necessity for concrete actions to transform these communities into spaces of equality and justice, reflecting the true meaning of love and integration taught by Jesus Christ.

Keywords: Covert Racism, Structural Racism, Ethnic Diversity, Social Justice, Anti-Racist Awareness.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia – FATEBE. Contato: danilosachs13@hotmail.com

² Mestre em Educação e Novas Tecnologias; Bacharel em Teologia pela FABAPAR; Licenciado em História pela UFPR; Licenciado em Pedagogia pela UNINTER. Contato: profnilontorquato@gmail.com

INTRODUÇÃO

Entende-se de extrema importância a pesquisa sobre o impacto do racismo velado que tem exercido uma significativa influência negativa nas experiências individuais e coletivas dentro das igrejas evangélicas no Brasil.

Por isso, diante dessa crescente necessidade em compreender as questões de discriminação dentro de contextos religiosos, é preciso abordar assuntos que buscam contribuir para a conscientização da presença do racismo velado e destacar a importância em promover ambientes inclusivos que respeitem a diversidade, fortalecendo assim a coesão social e a vivência espiritual dos membros.

Esta pesquisa também oferecerá uma reflexão para a construção de ambientes religiosos mais inclusivos, nos quais a diversidade racial é valorizada e as práticas espirituais cristãs são acessíveis a todos, independentemente de sua origem étnica.

O racismo dentro das comunidades religiosas contribui para a exclusão de membros de grupos étnicos minoritários e afeta a dinâmica das relações interculturais dentro das comunidades religiosas. Isto levanta as seguintes questões: Como as igrejas e líderes religiosos brasileiros podem promover a consciência positiva e as práticas antirracistas nas comunidades cristãs? Como essa reflexão histórica influencia as práticas espirituais da igreja protestante brasileira hoje?

Portanto, este artigo deve considerar o racismo velado e o seu impacto na prática espiritual cristã. Definir o termo racismo e discutir o contexto histórico do Brasil e sua possível contribuição para o racismo disfarçado na igreja protestante brasileira.

É também necessário trazer definições teológicas que buscam a justiça social e a igualdade étnica usando assim literatura disponível na biblioteca da Fatebe para a compreensão teórica, livros e artigos científicos que falem sobre o tema, e também o auxílio de sites e plataformas tecnológicas que auxiliem no processo desse trabalho.

Dada a existência do racismo velado nas comunidades cristãs, é possível que a conscientização e abordagem ativa de dinâmicas discriminatórias pelas lideranças religiosas no Brasil possam contribuir para uma transformação positiva nas práticas espirituais, fortalecendo e promovendo a diversidade e diminuindo impactos negativos do preconceito racial dentro das igrejas evangélicas.

1 UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RACISMO VELADO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL

O racismo é um problema que afeta sociedades em todo o mundo, e o Brasil não é exceção. Uma compreensão mais profunda do conceito de racismo requer pesquisas que reúnam conceitos, perspectivas e análises para revelar a complexidade deste aspecto social. O termo “racismo” vai além de uma simples definição para incluir não apenas as manifestações abertas de discriminação, mas também as dinâmicas mais subtis e estruturais que permeiam a sociedade, como no caso do racismo encoberto.

O racismo trata da discriminação e preconceito baseados em diferenças raciais, muitas vezes resultando em injustiças sistemáticas e desigualdades em vários setores da sociedade. Para Silva: “O racismo é uma ideologia que, tomando por base uma compreensão biológica e hierárquica das raças, permite a manifestação de tratamentos diferenciados, e por conseguintes, de conflitos.” (SILVA JR. 2002 apud OLIVEIRA, 2004, p. 26)

Outra definição de racismo é citada por John Piper em seu livro *Racismo, a Cruz e o Cristianismo*, no qual o autor utiliza a definição da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da seguinte forma: “O racismo é uma crença ou disposição explícita ou implícita na prática que distingue ou valoriza uma raça em detrimento de outra”. (PIPER, 2012, p.18)

Tanto Almeida quanto a revista *Ultimato* (março/abril) de 2004 indicam que, durante milhares de anos a humanidade viveu a escravidão, um modo de produção distorcido na organização de sua economia. Nos tempos modernos, este problema foi resolvido através da utilização generalizada e sistemática do trabalho dos povos indígenas oprimidos, e das populações negras expulsas à força e violentamente das terras, povos e culturas africanas. O Brasil foi um dos primeiros países a introduzir e um dos últimos a abolir esse sistema injusto, que tratava os escravos não como seres humanos, mas como propriedade de seus senhores. A exploração, a violência física e sexual e a opressão fizeram da escravatura uma faceta longa e trágica da humanidade caída, uma evidência flagrante e inegável do pecado individual, social e estrutural.

No artigo *Abolição no Brasil: A Construção da liberdade*, Menezes (2009, p.100) diz que descendentes dos escravos continuaram vivendo de forma semelhante àquela em que viviam sob a escravatura, dado à indigência a que foram lançados. A abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena.

Sendo assim, dada à complexidade da questão do racismo no Brasil, é fundamental compreender as diferentes camadas que permeiam esse debate. Para muitos brasileiros, a perspectiva de democracia racial é mais do que apenas um conceito; é motivo de orgulho nacional, uma marca que nos ajuda a nos destacar no cenário mundial.

Guimarães destaca a ausência de segregação oficial e de conflito racial desde a abolição da escravatura em 1888, o que acrescentou uma camada de complexidade a esta história. Nota-se uma dimensão intrigante desse cenário que é aquela que revela não apenas a presença, mas a sutileza do racismo que permeia as estruturas e relações sociais no Brasil atualmente. A herança da escravidão que durou séculos, moldou algumas relações raciais em nosso país, deixando marcas profundas nas estruturas sociais, econômicas e culturais, o que torna esse tema um tabu no Brasil como afirma o autor:

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que o racismo no Brasil é um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto/comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado. Essa pretensão a um antirracismo institucional tem raízes profundas tanto na nossa história, quanto na nossa literatura. Desde a abolição da escravatura em 1888, não experimentamos nem segregação, ao menos no plano formal, nem conflitos raciais. (GUIMARÃES, 1995, p.26)

Na obra *Branco e Negro em São Paulo*, Roger Bastide e Florestan Fernandes (2008, p.164) apontaram que nós, brasileiros, dizia-nos um branco, “temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social”. Muitas respostas negativas explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por essa fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial. (RIBEIRO, 2012, p.10)

Este padrão de discriminação foi dirigido principalmente contra os povos indígenas, que foram sujeitos a invasões, tentativas de escravização e, em última

análise, extermínio pelos colonizadores portugueses. Contudo, o registro histórico da escravidão revela as raízes profundas do racismo no Brasil.

A discriminação racial foi introduzida no Brasil desde a ocupação do território brasileiro. Os primeiros a sofrer foram os povos indígenas, cujos territórios foram invadidos, houve tentativa de escravização pelos portugueses e acabaram exterminados. Mas os negros reflectiram muito latentemente este comportamento social e ainda o reflectem muito latentemente. Porque assim é o Brasil, um país de proprietários de escravos há quase 400 anos, um lugar onde os negros eram tratados não como seres humanos, mas como perfeitos burros de carga. (ARAUJO; SANTOS; 2017, p. 3)

Ao abordar o contexto oculto do racismo no Brasil, percebemos a importância de examinar a nossa situação atual e as diferentes raças que existem em solo brasileiro. Apesar da visão de convivência em que se propõe a paz, as palavras dos autores citados acima nos fazem questionar esta aparente harmonia. Em um país marcado pela diversidade étnica, as estatísticas demográficas ainda fornecem dados imprecisos, o que ilustra a dificuldade de um mapeamento preciso confirmar as realidades raciais no Brasil.

A discriminação, dirigida principalmente aos negros, tornou-se evidente na prática, contrariando a ideia de convivência harmoniosa. Igualmente importante é a observação de Santos sobre a pressão social que faz com que muitas pessoas neguem a sua identidade racial, escolhendo autodefinições como “pardo” ou mesmo “branco”. Em relação à diversidade étnica podemos perceber que:

Atualmente há grande diversidade de raças no Brasil. Aparentemente é dito que há uma convivência pacífica entre as raças. Todavia, na prática, é notória a discriminação, principalmente em relação aos negros. À bem da verdade, as estatísticas demográficas ainda fornecem dados imprecisos sobre as diversas etnias no Brasil. Por conta das pressões sociais muitas pessoas da raça negra, negam sua identidade e se definem como “pardos” e até como “brancos”. (SANTOS, 2012, p.11)

Entendendo a realidade da diversidade racial no Brasil e como essa discriminação ainda existe, é necessário entender sobre como essas reflexões históricas podem influenciar as práticas espirituais nas igrejas evangélicas. A negação da identidade negra tem raízes profundas na história do país e esse legado reflete-se na dinâmica religiosa atual.

2 O REFLEXO HISTÓRICO E O IMPACTO NAS PRÁTICAS ESPIRITUAIS DENTRO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS

Após um panorama geral sobre o termo racismo e seu reflexo histórico para os dias atuais, entende-se que existe um legado de exclusão que se manifesta de várias maneiras e isso é visto através das estatísticas que revelam desigualdades significativas entre diferentes grupos étnicos no país.

Indicadores socioeconômicos, acesso à educação, oportunidades de emprego e até mesmo a violência evidenciam a continuidade das desigualdades raciais. A população negra, em particular, continua a enfrentar obstáculos estruturais que dificultam até mesmo as suas experiências religiosas no Brasil. A fé, que muitas vezes é considerada um refúgio da discriminação e do preconceito racial, pode estar sendo um espaço onde se manifestam dinâmicas sutis de exclusão.

Na visão de Martins (2008, p. 115) o modelo religioso das igrejas evangélicas que aqui chegaram, “na segunda metade do século XIX, constituiu-se uma alternativa à hegemonia católica romana nos campos da religião e da educação”. No entanto, não diferente da igreja católica, dispensavam tratamento diferenciados para com os seus fiéis, pois, o tratamento dispensado a elite (aos brancos) era diferenciado ao dispensado aos negros (livre ou escravizado).

Enquanto que para a elite eram fundadas escolas pensando no desenvolvimento social, intelectual, econômico e profissional desta, para os fiéis negros a única coisa que lhe eram dadas era a palavra de Deus.

Segundo Alcântara (2008, p.103) a história da Igreja Evangélica Brasileira sempre foi favorável aos brancos, e tudo o que acontecia com índios e negros era desvantajoso. A Igreja Protestante chegou ao solo brasileiro em completa escravidão, permanecendo silenciosa e cúmplice das atrocidades, diante desse cenário complexo, percebe-se que no Brasil vivemos um racismo que é estrutural.

No artigo, As igrejas e o racismo-repensando a responsabilidade dos líderes religiosos, Dupem (2021, p. 228) aponta que o racismo estrutural está alicerçado historicamente nos acontecimentos largamente conhecidos relativos à escravização de indivíduos, capturados no continente africano e trazidos em condições desumanas até países dos continentes americano e europeu; estes indivíduos foram escravizados por outros seres humanos, munidos de condições financeiras confortáveis e o poder.

Este processo de exploração de mão de obra praticamente gratuita em troca de alimento e água e de objetificação de pessoas (realizando sua compra e venda) aconteceu em função da lucratividade econômica e conotação de poderio; ademais, havia uma ideia de superioridade racial, de um determinado povo sobre outro, com uma percepção que, inclusive, animalizava as pessoas negras, associando-as a uma imagem primitiva. (PESTANA, 2021, p.228)

Para o autor Silvio Almeida, o racismo estrutural é resultado da própria estrutura social: a forma normal como se constroem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até mesmo familiares, e não uma patologia social ou colapso institucional. O racismo é estrutural. Os comportamentos individuais e os processos institucionais têm origem numa sociedade onde o racismo é a regra e não a exceção. O racismo faz parte de um processo social que ocorre nos bastidores dos indivíduos e é claramente herdado da tradição. (ALMEIDA, 2019, p.33)

No artigo O que o racismo faz, há um relato sobre uma escrava que ilustra bem essa ideologia racista:

Por sua vez, a assunção de Lindinalva Barbosa (56 anos) em relação ao cabelo crespo ocorre por volta de 1984, e igualmente antecedeu ao momento que considera o big bang na sua trajetória. Ela alega que entendia como uma prisão o mecanismo de alisar o cabelo de forma recorrente através do ferro quente, embora tenha percebido muito cedo que o cabelo é um marcador importante e muito doloroso. Ainda não tinha noção de que não era o ferro que a aprisionava, e sim a ideologia da branquitude que a aprisionava ao ferro. (LESSA, 2020, p.7)

Um exemplo muito claro disso nas igrejas é a discriminação contra instrumentos musicais e ritmos de origem afrodescendente. Essa atitude não apenas desvaloriza a herança cultural africana, mas também reforça a ideologia de embranquecimento, marginalizando elementos culturais negros e contribuindo para a expansão do racismo velado.

Este contexto histórico e o racismo estrutural também podem alimentar a desconfiança nas instituições religiosas e levar muitos negros a procurar espaços espirituais alternativos que melhor atendam às suas necessidades e experiências.

Santos (2012, p. 49-50) ao questionar fiéis assembleianos a respeito do preconceito racial no interior de suas denominações, alguns afirmaram:

Discriminação em relação à questão de cor, não. Mas tem que estar bem arrumado, hoje em dia não repara muito nisso, mas em como está vestido. A maioria das pessoas da igreja são negras. Se você não está bem vestido, mesmo com muito tempo dentro da igreja, você não vai lá na frente nem cantar, principalmente se for homem, se estiver de terno é logo convidado para o púlpito. O que mais tem na Assembleia de Deus é preto. Muitos pastores são pretos! Lá mesmo em Catú³ tinha muitos pastores negros e aqui na nossa igreja tem um presbítero negro, ele não é bonito não, mas é muito educado. Ele é muito fino, todo mundo gosta dele, mas ele é negro.

Este racismo nas igrejas evangélicas é uma questão sobre a qual o cristianismo e a escravatura têm estado historicamente em desacordo. Embora os abolicionistas cristãos tenham sido a principal força na abolição da escravatura, os proprietários de escravos cristãos usaram passagens bíblicas para justificar e manter a escravatura. A Bíblia tem sido usada tanto por pró-escravidão quanto por abolicionistas para apoiar suas respectivas posições. (HERNANI, 2003, p.08)

A discussão sobre o papel da religião na legitimação do racismo velado ganha uma dimensão ainda maior ao considerarmos as práticas de batismo forçado dos negros durante a época da escravidão. Essa mudança/transição revela como a imposição do cristianismo aos escravos não apenas buscava moldar a espiritualidade, mas também servia como um mecanismo de controle social. A citação de Hernani Francisco expõe com clareza as distorcidas análises religiosas que fundamentavam a inferiorização dos negros no contexto da escravidão.

Além disso, os cristãos eram instruídos a batizar os negros, a fim de torná-los cristãos. Era dever dos senhores que seus escravos se tornassem e permanecessem cristãos. “O negro foi criado para servir nas fileiras da escravidão. Esse tipo de vida foi aprovado pela Bíblia”, argumentavam os eclesiásticos do Sul. Então, os pastores e educadores do Sul acreditavam na inferioridade do negro: “Ele não tem a capacidade ou talento possível do homem branco. Ele não era capaz de pensar por meio de qualquer problema complexo, ou de serem treinados para executar tarefas difíceis. Não foi por acaso que o negro estava nessa condição – ele era assim por natureza, pela criação. Ele era uma criatura inferior feito para servir seus superiores”. Qualquer tentativa de desacreditar esses pensamentos estava fora da revelação bíblica e da ciência, (HERNANI, 2003, p. 08).

Em geral, o reflexo histórico da falta de representatividade e do racismo estrutural em nosso país continua a moldar as práticas espirituais em nossos dias destacando a importância urgente de abordar questões de justiça e igualdade dentro do contexto religioso brasileiro, pois a compreensão do evangélico a respeito da questão racial no Brasil ainda está muito enraizada aos reflexos históricos de um país racista.

³ Município na Bahia

Com base no estudo desse reflexo e de acordo com o artigo: Da intolerância religiosa ao racismo religioso desafios e possibilidades na sala de aula, identifica-se um aumento preocupante nos casos de violência contra religiões de matriz africana no Brasil, refletindo um cenário de intolerância religiosa em constante evolução. (MARINHO, 2021, p.13)

O documento Ofício nº 386/2020-P também denuncia que no ano de 2019, o relatório do Disque 100 sequer traz informações de discriminação religiosa e cita que pediu esclarecimentos a respeito; porém, que esses não haviam sido respondidos até aquela data – 31 de julho de 2020. (BRASIL, 2020)

Ao conhecer as tradições protestantes do nosso país, podemos ver como elas foram influenciadas pelo passado e como influenciam o que está acontecendo na igreja hoje. A história mostra-nos quão flexíveis, fortes e mutáveis somos e como podemos adaptar as nossas práticas espirituais ao mundo de hoje. Ao aprender mais sobre o passado, esta é uma grande oportunidade para a Igreja Protestante no Brasil repensar e atualizar suas práticas religiosas, tornando-se mais inclusiva, e ajudar os líderes de hoje a obterem reconhecimento positivo em suas comunidades.

3 O PAPEL DA IGREJA NA CONSCIENTIZAÇÃO ANTIRRACISTAS DENTRO DO EVANGÉLICO BRASILEIRO

As igrejas no seu conjunto têm uma influência cultural e social significativa e desempenham um papel fundamental e importante na promoção da consciência antirracista entre os fiéis.

A relevância desta investigação é, portanto, evidente na necessidade urgente de criar ambientes inclusivos e equitativos onde todos os participantes da comunidade de fé, independentemente da cor da pele, possam sentir-se bem-vindos e respeitados.

Os cristãos, em vez de apenas confessarem, precisam pedir perdão aos povos negros e indígenas pela falta de resistência contra a discriminação e por não terem lutado pela libertação dos poderes opressores ao longo da história. Essa chamada à responsabilidade histórica lança um desafio direto à consciência coletiva, sugerindo que o perdão genuíno requer um enfrentamento corajoso do passado e uma transformação ativa no presente. Corroborando com o pensamento, Santos, nos informa que:

Muitos protestantes, a exemplo dos católicos, também estiveram a favor da escravidão. Morávos, metodistas, anglicanos, batistas, presbiterianos, quakers da Europa, eram donos de escravos. No Brasil, muitos missionários procedentes do Sul dos Estados Unidos, depois da Guerra Civil, mantinham escravos em suas casas para os serviços domésticos. Mais do que confessar, os cristãos precisam pedir perdão aos povos negros e indígenas por não terem lutado contra a discriminação das raças e por sua libertação dos poderes opressores em toda a história humana! (SANTOS, 2012, p. 22).

O autor Hernani Francisco da Silva (2003, p.8) enfatiza como a Terra Prometida no livro de Josué foi utilizada para justificar alguns conflitos contra os povos indígenas do Novo Mundo, rotulados como os "cananeus" da época. Percebe-se também que ele destaca como os puritanos que chegaram ao Novo Mundo se viam como eleitos de Deus, destinados a estabelecer um Novo Israel. Essa interpretação bíblica, como aponta o autor, não apenas estimulou uma atitude de superioridade moral e econômica dos cristãos brancos sobre outras culturas, mas também ajudou a formar uma justificativa moral para a exploração racial.

Essa análise crítica das raízes teológicas do racismo enfatiza a urgência de uma maior reflexão sobre o impacto das interpretações religiosas na construção das hierarquias raciais.

Portanto, considerando as interpretações errôneas da Bíblia que têm sido utilizadas para justificar a escravidão e a colonização, é muito importante que a igreja evangélica no Brasil participe ativamente da luta contra o racismo, e é muito urgente. Esses equívocos ajudam a perpetuar a ideia de que os cristãos brancos são superiores a outras culturas.

Para mudar este cenário, a igreja deve tornar-se mais pró-ativa, educando as pessoas sobre o verdadeiro significado do amor e da igualdade bíblicos e lutando contra todas as formas de racismo. Para criar mudanças, é importante refletir sobre o papel da Igreja na promoção da justiça racial.

É, portanto, necessária investigação para promover uma cultura antirracista na Igreja e assim contribuir para a formação de uma Igreja mais igualitária e justa.

Paula Silva (2021, p.12) discute no artigo A Importância de Abordar a Igualdade Racial na Igreja Cristã como Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para ensinar a todas as pessoas sobre amor, respeito e igualdade, mostrando que todos somos iguais perante os olhos de Deus.

No livro *Racismo, a Cruz e o Cristianismo*, Piper (2012, p.227) afirma que quando sentimos, pensamos ou agimos em relação a alguém com desdém, desrespeito, quando evitamos, excluimos, agimos com malícia em relação a alguém por essa pessoa ser de outra raça ou outro grupo étnico, estamos de fato, dizendo que Jesus agiu de maneira tola em relação a nós. E ninguém quer dizer isso.

Jesus veio para todos os seres humanos, independente de classe social ou etnia. A Bíblia nos ensina por meio das palavras do apóstolo Paulo: “Assim sendo, não pode haver judeu nem grego; nem escravo, nem liberto; nem homem, nem mulher, porque todos vocês são um em Cristo Jesus”. Gálatas 3.28. (BÍBLIA ARA, 2014)

Portanto, promover a consciência antirracista nas igrejas evangélicas brasileiras é uma tarefa necessária para criar um ambiente religioso mais justo, inclusivo e amoroso, para atingir esse objetivo as igrejas podem empregar uma variedade de estratégias.

Primeiro, é importante proporcionar educação através de palestras, seminários e estudos bíblicos que abordem questões de racismo e justiça social. Além disso, é importante promover ativamente a diversidade étnica em todas as áreas da Igreja, incluindo liderança, música, educação e ministério, e combater a retórica e as práticas racistas dentro e fora das igrejas.

A Igreja deve examinar e desafiar a forma como o racismo se manifesta nas suas próprias estruturas e teologia, e apoiar abordagens teológicas que promovam a igualdade e a justiça para todos. Ao aplicar estas práticas de forma integrada, a igreja pode desempenhar um papel vital no combate ao racismo e na construção de um país mais inclusivo e igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, o estudo realizado aponta para a profundidade e a complexidade do impacto do racismo disfarçado e, também, do racismo estrutural em muitas igrejas evangélicas no Brasil, e destaca a absoluta urgência da conscientização para esse assunto.

De fato, o racismo normalmente, encoberto, continua a prejudicar muito negativamente tanto as experiências espirituais quanto as sociais das minorias étnicas entre os membros dessas comunidades religiosas.

Vimos que no contexto histórico do Brasil, com todos os seus aspectos de escravidão e argumentos sobre a persistência da desigualdade racial, ainda hoje esse reflexo desempenha um papel primordial na formação da dinâmica social e religiosa. Do racismo nas igrejas evangélicas ao legado do passado que se manifesta hoje com sua atitude e prática de exclusão, todas essas definições relacionam-se com a necessidade de constituir a teologia social e a igualdade racial.

Do nosso ponto de vista, é crucial construir uma Igreja justa e igualitária. As igrejas evangélicas brasileiras deveriam começar pelo reconhecimento de sua responsabilidade histórica e o papel devido na promoção da igualdade racial. Tal transformação será possível apenas pela reforma das estruturas religiosas e sociais que se tornam realidade ao educar setores e valorizar a diversidade étnica, bem como quando quaisquer práticas discriminatórias forem erradicadas.

A luta contra o racismo velado exige um compromisso contínuo e coletivo por parte das igrejas, dos líderes religiosos e das pessoas de fé. A criação de espaços de diálogo, reflexão e ação concreta podem contribuir significativamente para eliminar preconceitos raciais e construir uma sociedade mais justa.

É reconhecendo os fracassos do passado e comprometendo-se com a transformação do presente que as igrejas evangélicas podem cumprir o seu papel na promoção da justiça social e na valorização da diversidade humana.

A transformação das práticas espirituais nas igrejas evangélicas brasileiras não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma expressão autêntica dos valores cristãos de amor, igualdade e respeito. Ao promover uma consciência antirracismo e ao fazer mudanças estruturais, as igrejas podem desempenhar um papel vital na construção de uma sociedade onde todas as pessoas sejam verdadeiramente iguais perante Deus e os outros.

O artigo não tem por pretensão encerrar o assunto, todavia fomentar e provocar a discussão da temática. O mesmo foi contagiante em nossa pesquisa e pretendemos dar sequência e aprofundamento em futuros novos artigos, mestrado e doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ARAÚJO, M. **A Pele Cristã: Um Estudo sobre Racismo e Discriminação**. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias, 2017.

ARAÚJO, J. A., & SANTOS, D. L. J. **O Silêncio das Igrejas Cristãs Protestantes Brasileiras em Relação às Questões dos Negros no País**.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Atualizada. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CAVALCANTI, R. **Livrai-nos do (Capitalismo) Mal – Os Valores do Reino Versus os Modos Iníquos de Produção**. Revista Ultimato, Março-Abril, 2004.

GUIMARAES, A.S.A. **Racismo e Anti-Racismo**. Novos Estudos CEBRAP, 1995.

HENRIQUES, R. **Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90**. 2001.

HERNANI, F.S. **O Movimento Negro Evangélico. Um mover do Espírito Santo**. São Paulo, Negritude Cristã, 2011.

LESSA, F.L. **O que o Racismo Fez Com Você?**. Revista Humanidades e Inovação v.7, n25 – 2020.

MONTEIRO, J. P. V. **O Estigma da Cor**. Editora Thomas Nelson Brasil, 2021.

PAULA, S. **A Importância de Trabalhar a Igualdade Racial nas Igrejas Protestantes**. 2021.

PESTANA, D. F. **“As Igrejas e o Racismo: Repensando a Responsabilidade dos Líderes Religiosos.”** Caderno Intersaberes, 2021.

PIPER, J. **O Racismo a Cruz e o Cristão**. Editora Vida Nova, 2012.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. Editora: Companhia das Letras, 2019.

ROBERT BASTIDE & FLORESTAN FERNANDES. **Branco e Negro em São Paulo**. Editora Nacional, 1959.

SANTOS, H. **Discriminação Racial no Brasil**, 2018.

SANTOS, Y. L. **Racismo Brasileiro**. Editora Todavia, 2022.

SILVA, D. V. S. **O Racismo no Brasil é Velado: O Discurso da Miscigenação e a Ocultação do Óbvio**. Editora: Cidade, 2021.

SILVEIRA, N. S. **Racismo no Brasil: Tentativas de Disfarce de uma Violência Explícita**. Faculdade Taboão da Serra – SP, 2006.

O MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL: DE ANTIOQUIA À REFORMA PROTESTANTE, UMA ANÁLISE INICIAL

Leonard Múnera Villamil¹

Me. Rodrigo Rangel²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise abrangente do método histórico-gramatical de interpretação bíblica, demonstrando sua utilidade e relevância nos estudos exegéticos e interpretativos da bíblia. Inicialmente, será feito um breve exame do desenvolvimento histórico do método, destacando sua importância e influência na preservação da doutrina cristã. Em seguida, será realizada uma descrição detalhada do método, refletindo os cuidados necessários no processo interpretativo. Finalmente, o método será aplicado a um pequeno texto bíblico, ilustrando a descrição e esclarecendo a teoria exposta. Conclui-se, portanto, que o método histórico-gramatical continua a ser relevante para a exegese bíblica contemporânea e constitui uma excelente ferramenta na análise das Sagradas Escrituras.

PALAVRAS-CHAVE: método histórico-gramatical, exegese, bíblia

ABSTRACT

The objective of this article is to present a comprehensive analysis of the historical-grammatical method of biblical interpretation, demonstrating its utility and relevance in exegetical and interpretative studies of the Bible. Initially, a brief examination of the historical development of the method will be conducted, highlighting its importance and influence in the preservation of Christian doctrine. Subsequently, a detailed description of the method will be provided, reflecting the necessary care in the interpretative process. Finally, the method will be applied to a short biblical text, illustrating the description and clarifying the theoretical exposition. It is concluded, therefore, that the historical-grammatical method remains relevant for contemporary biblical exegesis and constitutes an excellent tool in the analysis of the Holy Scriptures.

KEYWORDS: historical-grammatical method, exegesis, Bible

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o método histórico-gramatical de interpretação bíblica foca em explorar como o método se formou e evoluiu ao longo dos séculos, desde os primeiros exegetas cristãos até os reformadores protestantes. O passado, como destaca Eric Hobsbawm (2004, p. 17), é um elemento essencial para compreender e legitimar o método, cujo objetivo é interpretar a bíblia de forma literal, respeitando o contexto histórico e a gramática dos textos sagrados. E além de tudo o anterior, este método se diferencia da hermenêutica ontológica e filosófica, se situando numa perspectiva de leitura da bíblia que valoriza o contexto social e histórico e as intenções originais dos autores bíblicos.

A pesquisa está dividida em três momentos: primeiro, o desenvolvimento histórico do método, desde suas origens na escola de Antioquia, passando pela sua evolução na tradição ocidental medieval, e até chegar a sua consolidação na Reforma Protestante. Segundo, uma descrição do método, onde se explana o passo a passo e se explica a importância de cada um deles. E terceiro, uma breve aplicação do método, onde um pequeno texto das Escrituras é utilizado para exemplificar como se executa a exegese desde a visão histórico-gramatical. No final, uma conclusão que reafirma a importância do método e a relevância da sua aplicação para um profundo e sadio entendimento do que as Sagradas Escrituras falam para a humanidade.

1. RESUMO HISTÓRICO

Para uma melhor compreensão da evolução histórica do método, faz-se necessário traçar uma linha do tempo. Iniciando na Escola de Antioquia e finalizando na Reforma Protestante, não que o método não seja mais utilizado, pelo contrário, mas para que este recorte fique mais objetivo.

1.1 Origens da Escola de Antioquia: literalismo e realismo histórico

Foi o Karl A. G. Keil, no século XVIII, quem criou o termo 'método histórico-gramatical'. Porém, suas origens se encontram na Escola de Antioquia, desenvolvida nos primeiros séculos do cristianismo. Contudo, antes dela começar a dar os primeiros passos, existiam já dois métodos hermenêuticos muito utilizados, os quais eram o literal e o tipológico (COELHO, 2014, pp. 42-43).

De acordo com Dockery, o literalismo focava no contexto sociocultural, já em relação à intenção do autor ou ao entendimento dos ouvintes originais, e se empregava principalmente em textos com viés moral. Por outro lado, o método tipológico seguia o exemplo de Jesus enquanto a ideia de que os acontecimentos do Antigo Testamento prefiguram os do Novo Testamento. Naquele momento, a ênfase interpretativa dos dois métodos era claramente cristológica (DOCKERY, 2005, p. 78).

As heresias do gnosticismo e do arianismo, após provocar a aparição dos credos dos séculos IV e V, levaram também ao surgimento da nova escola interpretativa de Antioquia, "marcada pelo realismo bíblico cuja tendência era fazer sobressair os aspectos históricos e humanos de Cristo, sem negar, no entanto, sua

origem divina” (COELHO, 2014, p. 47). Lázara Coelho continua a explicar o propósito dessa escola assim: “a exegese antioquena estava envolvida tanto com esclarecimento espiritual e doutrinário, quanto com os fatos históricos e filológicos” (Ibidem, p. 48).

A escola de Antioquia defendia a interpretação literal e tipológica das Escrituras, focando na cristologia como o elemento central. Dois dos grandes representantes dessa escola foram Teodoro de Mopsuéstia (ca. 350-428 d. C.) e João Crisóstomo (ca. 347-407 d. C.), os quais rejeitaram o alegorismo dominante da Escola de Alexandria, e se dedicaram à compreensão histórica e literal do texto bíblico.

Teodoro de Mopsuéstia foi um reconhecido exegeta, comentarista e teólogo muito competente, ordenado presbítero em Antioquia no ano de 383 e bispo da Mopsuéstia, Cícilia, em 392. É chamado o príncipe dos exegetas antigos, e escreveu diferentes comentários bíblicos, entre os que se destacam os feitos aos colossenses e tessalonicenses. Ele “propôs uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto, a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto” (CAIRNS, 2008, p. 121).

João Crisóstomo, cujo significado é ‘boca de ouro’, foi chamado assim por causa da sua eloquência, adquirida numa profunda formação na retórica e nos clássicos gregos. Foi advogado, monge e feito patriarca de Constantinopla no ano de 398. Sobreviveram cerca de 640 de seus sermões, os quais focam principalmente nas epístolas de Paulo. Não fez investigação crítica do Antigo Testamento por não possuir conhecimentos em hebraico, porém “destacou a importância do contexto e procurou descobrir o sentido literal dado pelo autor e fazer uma aplicação prática desse sentido aos problemas das pessoas de sua época”. Desde sua posição, “não deveria haver divórcio entre moral e religião; a cruz e a ética devem caminhar de mãos dadas” (CAIRNS, 2008, p. 120-121).

Em Antioquia se ressaltava a importância do contexto histórico para uma correta interpretação das Escrituras, e os estudiosos de lá acreditavam que os eventos descritos na bíblia tinham, além de um significado espiritual, a suficiente veracidade histórica para que a verdade divina fosse compreendida. Esse viés se

diferenciava da Escola de Alexandria, pois esta enxergava as Escrituras como uma alegoria de significados literais profundos que transcendiam o elemento literal.

Os máximos representantes da escola de Antioquia são: Teófilo de Antioquia (ca. 120-180 d. C.), Luciano de Samosata (ca. 240-312 d. C.), Diodoro de Tarso († 394 d. C.), Teodoro de Mopsuéstia (ca. 350-428 d. C.) e João Crisóstomo (ca. 354-407 d. C.). Nesse momento o Método Histórico-gramatical se encontrava em um estado embrionário, mas já era possível identificar alguns dos seus princípios, como, por exemplo, uma crítica social cuidadosa, estudos filológicos e históricos, ênfase ao sentido literal do texto, prática exegética tipológica, executabilidade do arranjo original e na exploração do texto histórico, busca do significado tipológico, antialegorismo persistente, defesa do registro do desenvolvimento histórico do plano redentor, defesa da interpretação tipológica da lei e dos profetas (entenda-se Cristo), e finalmente as interpretações crítica, literal, gramatical e histórica das Escrituras (COELHO, 2014, p. 50-51).

1.2 A Escola de Alexandria, a alegoria e o significado espiritual

De outro lado, figuras como Clemente de Alexandria e Orígenes, faziam uma interpretação alegórica dos textos sagrados. Por exemplo, Orígenes desenvolveu um sistema de triplo significado: literal, moral e espiritual, e declarava a importância do sentido literal, mas nunca por cima do espiritual, que considerava o verdadeiro propósito das Escrituras.

A hermenêutica alegórica de Orígenes tinha como alvo desvelar os mistérios escondidos nos textos bíblicos, o que deveria levar a uma compreensão profunda da revelação divina. Assim, entendia a bíblia como fonte inesgotável de significados espirituais que precisam ser descobertos através da interpretação simbólica e alegórica. Esse ponto de vista tinha uma clara influência platônica, filosofia que entendia o mundo material como uma sombra do espiritual (KAISER JR, 2002, p. 212). Isso não significava, em momento nenhum, que ele não acreditasse na inspiração divina da bíblia, mas sim na necessidade de um método diferente ao literal para interpretá-la (COELHO, 2014, 45-46).

No caso de Clemente, ele pensava que a interpretação literal era o ponto de partida para a compreensão bíblica, mas precisava da alegoria para atingir a exegese, ou seja, para transportar a história narrada a uma época diferente e

contextualizá-la. Assim, metáforas, parábolas e outras variantes literárias seriam os meios para encontrar os significados profundos das Escrituras (DOCKERY, 2005, p. 79).

1.3 Rejeição do alegorismo e desenvolvimento no Ocidente

A Escola de Antioquia se opôs radicalmente ao alegorismo da Escola de Alexandria, sob argumentos de que seus métodos ofuscavam o significado verdadeiro das Escrituras. Pelo contrário, defendiam a interpretação tipológica, na qual personagens e eventos do Antigo Testamento eram vistos como prefigurações da pessoa de Cristo. A tipologia permitia que os intérpretes mantivessem a integridade histórica dos acontecimentos bíblicos, ao tempo que podiam reconhecer o significado espiritual.

Por sua parte, João Crisóstomo, quem defendeu a exegese literal e gramatical, quis explicar o significado dos relatos bíblicos dentro do seu contexto histórico, sem tentar explanações alegóricas. Esse foco foi de grande influência no posterior desenvolvimento do método histórico-gramatical, principalmente durante a Reforma Protestante.

Após o primeiro período das escolas de Alexandria e Antioquia, o método continuou a evoluir, dessa vez na mão dos Pais latinos, como Jerónimo e Agostinho. O primeiro, que ficou famoso pela sua versão bíblica da Vulgata, defendeu a importância do sentido literal dos textos sagrados, mesmo sem ter abandonado completamente o método alegórico (DOCKERY, 2015, p. 109).

Agostinho desenvolveu um olhar mais sistemático da hermenêutica bíblica. Na obra *A doutrina cristã*, propôs várias regras de interpretação, incluindo a necessidade de compreender o significado literal do texto antes mesmo de explorar seu sentido espiritual (AGOSTINHO, 2011). Ele também introduz a noção de que as Escrituras deveriam ser interpretadas à luz da regra de fé (*regula fidei*), ou seja, das doutrinas centrais da igreja (AGOSTINHO, 2011, p. 89).

Esses princípios hermenêuticos de Jerônimo e de Agostinho influenciaram diretamente nos reformadores e pré-reformadores protestantes que, acima de tudo, desejavam o retorno às fontes originais da fé cristã, rejeitando as tradições e interpretações alegóricas acumuladas ao longo dos séculos. Isso pode ser visto através de João Wycliffe, que “criticou os dogmas do cristianismo medieval, rejeitou

as cerimônias religiosas que não tinham base bíblica, negou a eficácia da missa, condenou a transubstanciação e ensinou a salvação pela graça mediante a fé” (ANGLADA, 2006, p. 66).

1.4 A Reforma Protestante e o estabelecimento do método

A Reforma Protestante foi uma virada no desenvolvimento do método. Martinho Lutero e João Calvino adotaram um viés literal e gramatical das Escrituras, se opondo à interpretação alegórica que reinava na teologia medieval. Lutero foi enfático contrariando o alegorismo, o qual considerava uma forma de deturpação bíblica (ZUCK, 1994, p. 52).

Lutero ensinou a clareza e acessibilidade da bíblia, e esta como fonte e base do conhecimento, e que seu estudo deveria alicerçar-se na gramática, o contexto histórico e a intenção original dos diferentes autores, tudo isso sob a guia da fé e da iluminação do Espírito (VIRKLER, 1987, p. 48). Também enfatizou a importância do entendimento das línguas originais (hebraico e grego) para fazer uma interpretação acertada (ANGLADA, 2006, p. 83). Por sua parte, Calvino defendeu o método afirmando que existiam regras gramaticais e históricas de interpretação bíblica que deviam ser usadas, além da necessidade de realizar esse exercício com reverência e atenção a cada detalhe literário e contextual. Ele mesmo vai dizer: “o trabalho de quem interpreta se baseia em declarar e descobrir o pensamento do autor, e se não proceder assim, se desvia de seu objetivo e sai um pouco de suas atribuições” (CALVINO, 2001, p. 10).

Aos poucos, o método histórico-gramatical foi se consolidando na escola protestante, a qual sistematizou o viés hermenêutico adotado pelos reformadores. Ela combinou a rigurosidade acadêmica da exegese bíblica com a fé evangélica, na procura de uma interpretação fiel do texto e da intenção dos autores (COELHO, 2014, p. 69).

Tal modelo exegético impactou fortemente no cristianismo protestante e modelou a forma de interpretar as Escrituras até hoje. O método ainda é uma ferramenta fundamental na interpretação de muitas denominações cristãs, valorizando a clareza do texto e a procura da verdade teológica contida no texto sagrado (COELHO, 2014, p. 81).

Ao longo da história, a importância do método histórico-gramatical é

inquestionável no que diz respeito à preservação da doutrina cristã. Sem esse tipo de perspectiva de leitura da bíblia, que valoriza o contexto social e histórico, e que pergunta sobre as intenções originais dos autores bíblicos, há muito tempo que as falsas doutrinas teriam deturpado a mensagem do evangelho da cruz. Como complemento desse olhar histórico, a continuação se realiza a descrição técnica do método, para depois fazer uma aplicação prática.

2. DESCRIÇÃO DO MÉTODO. ELEMENTOS CHAVE DO MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL. PASSOS DO MÉTODO

Esse método se baseia em três fases principais, cada uma desenvolvida nos subtemas anunciados entre parêntesis: observação (texto), interpretação (contexto e tradução) e aplicação (análises e síntese) (MUELLER, 2008, p. 281-282).

- **Observação:** é o primeiro contato com o texto, e basicamente se reduz a perguntar o que ele diz.

- **Interpretação:** essa fase procura entender o que o texto quer dizer no seu contexto original. Aqui é indispensável o estudo do transfundo histórico, linguístico e cultural, assim como a crítica textual para assegurar que o texto que está sendo interpretado seja o mais próximo possível ao original.

- **Aplicação:** uma vez que o significado tenha sido compreendido, os princípios extraídos do texto podem começar a aplicar-se para o tempo atual.

2.1 Estabelecimento do texto

O primeiro passo é conhecer e delimitar o texto que será estudado, o que inclui:

- **Visão geral:** se familiarizar com as palavras e com a linha de pensamento da passagem, observando a argumentação utilizada. Se examina o que o texto diz em concreto, sem tentar nenhum tipo de interpretação. Para isso é necessário se familiarizar com o texto no idioma original e em diversas traduções. O objetivo é atingir todo o conhecimento possível sobre seu conteúdo e captar as ideias principais. Contém perguntas como quem, que, quando, por que e como.

Elementos literários, como por exemplo, as palavras chave e as figuras literárias utilizadas, poderão ser também de suma importância, assim como a disponibilidade para mudar o entendimento prévio da passagem, caso seja

necessário, observando desde diferentes pontos de vista (KUNZ, 2008, p. 198-199).

- **Delimitação do texto:** identificar a unidade de pensamento da passagem (perícope). As bíblias modernas já dividem os textos em perícopes, porém, não sempre tais divisões são adequadas: podem quebrar a unidade textual ou manter assuntos diferentes dentro da mesma delimitação (Ibidem, p. 199). Então, a estratégia proposta é reconhecer quais elementos indicam o início da perícope, os que indicam seu final e os que são constantes ao longo dela.

Elementos que indicam o início de uma perícope: tempo, espaço, personagens, argumento, anúncio do tema, título, vocativo, novos destinatários, fala de novo personagem, mudança de estilo. Elementos que indicam o final de uma perícope: personagens, espaço, tempo, saída de um personagem, ações decorrentes do texto narrado, ruptura do diálogo, comentário do narrador, sumário do autor. Elementos que aparecem ao longo da perícope: ação, campo semântico, intercalação de acontecimentos, quiasmos (KUNZ, 2008, p. 200-201).

- **Crítica textual:** como sabido, esta é a disciplina encarregada de restaurar, através do estudo das variantes textuais, o texto original. A quantidade de variantes do AT não é muito ampla; já do NT existem bastante variações, pois os manuscritos eram feitos por escribas amadores, por causa da perseguição que a igreja estava sofrendo. As traduções que ainda permanecem pertencem à época medieval, pois as velhas versões gregas desapareceram. Assim, para reconstruir o texto, é bom desenvolver uma nova tradução ou utilizar as antigas citações cristãs.

Outra ferramenta da crítica textual são as evidências externas e internas. As externas são: a variante com confirmação mais antiga, a mais difundida e a que tenha sido considerada mais confiável (alto grau de semelhança entre as versões). As evidências internas utilizadas são: leitura curta com mudanças deliberadas (preferência à omissão do que a acrescentar), leitura diferente de passagem paralela (eliminação de contradições) e leitura original que explique a origem das outras (KUNZ, 2008, p. 201-202).

2.2 Contexto

O contexto é essencial para uma correta interpretação do texto, e precisa ser analisado em três níveis:

• **Contexto histórico:** quem foi o autor, a ocasião específica, a audiência, o local, as circunstâncias em que foi escrito, situação que o originou, tema, ênfase e propósito. Ferramentas úteis para este trabalho podem ser as introduções bíblicas, dicionários, enciclopédias e comentários. A ideia é reconstruir o mais fielmente possível a situação histórica em que o texto teve lugar o mais exato possível (KUNZ, 2008, p. 203).

• **Contexto literário:** aqui se busca analisar a localização da passagem dentro do seu livro e como está conectada com as passagens que a precedem e a antecedem. Ou seja, é necessário o entendimento de tais perícopes, além do contexto maior (capítulo ou livro), para desvendar aquilo que o autor quis dizer através da maneira em que organizou os fatos (FEE, 2008, p. 39), pois “o texto é compreendido como fazendo parte de um todo maior, e se procura sua relação exata para com esse todo” (MUELLER, 2008, p. 284).

• **Contexto cultural:** devem ter-se em conta os costumes, crenças, instituições e valores da época em que o texto foi produzido, o qual é fundamental para evitar anacronismos e más interpretações. A isso deve ser acrescentada a necessidade, na análise bíblica, de “esvaziar as mentes de todas as ideias, opiniões e métodos modernos e procurar transportar-se para a época e o ambiente em que viviam os apóstolos e os profetas que a escreveram” (KUNZ, 2008, p. 204). Segundo Roy Zuck, existem 15 fatores culturais para ter em conta ao se analisar neste item: pensar (crer), falar, agir, produzir, política, religião, economia, leis, agricultura, arquitetura, vestimentas, vida doméstica, geografia, organização militar, estrutura social (ZUCK, 1994, p. 92-103).

Adicionalmente a tudo isso, o mesmo autor acrescenta três etapas para constatar a transcendência dos costumes bíblicos: o costume tem um significado diferente na atualidade? Se for diferente, qual é o princípio permanente que o norteia? Este princípio pode ser expressado através de um equivalente cultural? (ZUCK, 1994, p. 110).

2.3 Tradução

Este passo consiste na “transposição de determinada composição de uma língua para outra” (GEISLER, 2021, p. 571), focando em quatro metas específicas: a

exatidão, onde o leitor da tradução precisa receber a mesma mensagem do documento original. A idoneidade, pois a tradução deve expressar a atitude e intenção do autor. A naturalidade, que é o uso de uma linguagem comum para o leitor. E o formato, onde o original precisa refletir a estrutura do texto de origem, se for possível, sem afetar as outras três metas (ELLIOTT, 1998, p. 146-147).

2.4 Análises linguísticas

Estas análises têm a ver com os elementos gramaticais e do conteúdo do texto, e o intuito é o de extrair toda a informação relevante que possa estar contida nele. São seis tipos: léxica, morfológica, estilística, sintática, literária e teológica.

A análise léxica cuida do estudo do uso e significado das palavras no contexto bíblico, dentro da passagem específica, na bíblia inteira e, se for possível, em outros textos da mesma época. Se dá especial atenção às palavras chave e aquelas que possam ter um significado teológico especificado dentro do texto. São três os passos básicos para esta análise: a) isolamento das palavras importantes da passagem que precisam estudo especial, b) estabelecer o campo de significado das palavras importantes em seu contexto presente, c) analisar o contexto com cuidado para determinar qual significado é o mais provável na passagem da exegese (FEE, 1992, p. 76-77).

A análise morfológica, pela sua vez, examina a forma gramatical das palavras e como sua flexão afeta seu significado no contexto. Isso inclui o estudo dos tempos verbais, gêneros, casos, e todos os outros aspectos gramaticais. A intenção é “entender as palavras na sua relação com as palavras mais próximas, compreender o significado das frases [...] para que se chegue à compreensão de todo o parágrafo ou período estudado” (MUELLER, 2008, p. 283-284).

A análise estilística investiga as figuras literárias que o autor utiliza para lhe brilho e vivacidade ao texto. Entre as figuras retóricas mais comuns estão o paralelismo, o quiasmo e a hipérbole (KUNZ, 2008, p. 211-213).

A análise sintática examina como as palavras se relacionam entre si dentro de uma oração e como ditas orações se conectam entre si dentro do discurso. Esse passo ajuda a desvendar a estrutura lógica do texto. A diferença da análise morfológica, onde se estuda a forma (flexões, gênero, número, tempo, etc.), a sintaxe estuda os tipos de palavras e sua relação lógica. Como tipos se entende

sujeito, verbo, adjetivo, advérbio, conjunção, e também proposições, frases, orações, subordinadas, e as conexões entre todas elas (KUNZ, 2008, p. 213).

A análise literária foca no tipo de texto que foi produzido, ou seja, a qual gênero literário pertence. Roy Zuck apresenta alguns dos diferentes gêneros literários da bíblia e suas subdivisões: jurídico, narrativo (tragédia, épica, romance, heroico, sátira, polêmica), poesia (lamentação, louvor, hino), literatura sapiencial (proverbial, reflexiva), evangelhos, discurso lógico (expositivo, exortativo), literatura profética (apocalíptica). Saber reconhecer o gênero literário de um texto impedirá que nele se procurem informações que nunca foram o alvo do autor (ZUCK, 1994, p. 148-156).

A análise teológica parte do viés doutrinário das Escrituras, as quais são o centro dos estudos teológicos. Assim, o intérprete precisa identificar o tema teológico inerente à perícopé que está sendo analisada. Dez são os temas teológicos que Claiton Kunz lista: bibliologia, teologia própria, cosmologia, antropologia, hamartiologia, cristologia, soteriologia, pneumatologia, eclesiologia e escatologia (KUNZ, 2008, p. 217).

2.5 Síntese

Quando as fases anteriores (texto, contexto, tradução e análises) são completadas, se efetua uma síntese de todas as observações e descobrimentos gramaticais, históricos, culturais e teológicos do texto. Então, se procede a finalizar o processo com os últimos três passos propostos por Claiton Kunz, que são correlação, atualização e aplicação (KUNZ, 2008, p. 218-221).

Na correlação, o intérprete define as relações existentes entre os versículos ou verdades que encontrou. Pode fazer isso por meio de referências (de palavras ou textos), esboços ou gráficos, sempre com a intenção de comparar entre si as diferentes ideias extraídas do estudo.

Na atualização se formulam os princípios encontrados na perícopé, a qual pertence a um contexto muito diferente, de maneira a aplicá-los a situações contemporâneas. O processo exegético deve extrair a lição central do texto em um alto grau de exatidão para levar o leitor atual a experimentar as mesmas emoções dos ouvintes originais (FEE, 2008, p. 133). Para complementar essa ideia, Roy Zuck

adverte sobre dois cuidados na hora de atualizar um texto: esses princípios devem ser extraídos do próprio texto, e ditos princípios não podem contradizer as demais Escrituras (ZUCK, 1994, p. 333). E ainda Mueller acrescenta sobre o intérprete cuidar para não manipular as conclusões, ou seja, não ter medo de ser confrontado por elas (MUELLER, 2008, p. 288).

A aplicação é a culminação do processo, quando o texto se traduz em ensinamentos e práticas relevantes para a vida moderna. Como o objetivo do ser cristão é transformar o caráter, o conhecimento adquirido deve ser colocado em prática. Claiton Kunz propõe cinco passos, que podem realizar-se ao decorrer de todo o processo: a) observar o que pode e deve ser feito ou evitado, b) seguir as regras de interpretação, c) ser seletivo sem querer abranger tudo de uma vez, d) ser específico assumindo o assunto como algo pessoal, e) formular a aplicação tão extensamente quanto seja necessário, e que possa ser avaliada. Também é sugerida a prestação de contas (KUNZ, 2008, p. 220-221).

3. APLICAÇÃO DO MÉTODO

Por causa do pouco espaço com que se conta neste artigo, em lugar de utilizar uma perícopes completa se optou por estudar somente um versículo, Lucas 11.29: “E aglomerando-se as multidões, ele começou a dizer: Esta é uma geração perversa; eles pedem um sinal, mas nenhum sinal lhes será dado, senão o sinal do profeta Jonas” (BÍBLIA KING JAMES, 2017, p. 1456).

3.1 Observação do texto

• **Visão geral.** O texto original em grego de Lucas 11.29 é: Τῶν δὲ ὄχλων ἐπαθροισομένων ἤρξατο λέγειν “Ἡ γενεὰ αὕτη γενεὰ πονηρά ἐστιν· σημεῖον ζητεῖ, καὶ σημεῖον οὐ δοθήσεται αὐτῇ εἰ μὴ τὸ σημεῖον Ἰωνᾶ. E uma tentativa de tradução poderia ser: “Mas as multidões se ajuntando, começou a dizer: A geração, esta geração, má é. Um sinal ela pede e um sinal não lhe será dado se não o sinal de Jonas”. A continuação se apresentam os termos mais importantes do versículo e algumas das traduções utilizadas em diferentes versões bíblicas em português.

Grego original	João Ferreira de Almeida Revista e	Nova Versão Internacional	King James	Bíblia de Jerusalém
----------------	---	------------------------------	------------	------------------------

	Corrigida			
ὄχλων (nome, gen., masc., pl.)	Multidão	Multidão	Multidões	Multidões
ἐπαθροισμένων (v, pres, part méd ou pass, gen, masc, 3 pl)	Ajuntando-se	Aumentando	Aglomerando-se	Aglomerassem
γενεὰ (nome, nom, fem, sing)	Geração	Geração	Geração	Geração
πονηρά (adj, nom, fem, sing)	Maligna	Perversa	Perversa	Má
σημεῖον (nome, acus, neut, sing)	Sinal	Sinal	Sinal	Sinal

O quem é a geração que o ouvia; o que é que demandam um sinal de quem ele era; o quando receberão resposta é logo, quando Jesus for crucificado; o por que só receberão esse sinal é porque são perversos, e o como é vendo o Senhor se levantando do túmulo. Nesse texto, Jesus acusa a geração que o está escutando de ser má, perversa, maligna, e que o único sinal que vão receber da identidade de Jesus será o de Jonas, ou seja, o sinal que terão será ver ele morrer, permanecer no submundo por três dias, e logo se levantar mais uma vez à vida. O discurso que Cristo utiliza é direto, de viés escatológico e os acusando de serem pecadores.

- **Delimitação do texto.** Como já foi explicado, por causa de espaço somente se empregará um versículo, e não uma perícopre inteira.

- **Crítica textual.** O versículo em estúdio não apresenta maior variação nas diferentes versões, e é traduzido praticamente igual na maioria das bíblias em português e em outros idiomas. Kunz (2008, p. 203) recomenda o Novo Testamento Grego de Nestle-Aland como uma boa ferramenta que recolhe a variante mais antiga, difundida e confiável, mantém as omissões e evita as contradições. A continuação, o texto grego de Lucas 11:29 de Nestle Aland: Τῶν δὲ ὄχλων ἐπαθροισμένων ἤρξατο λέγειν Ἡ γενεὰ αὕτη γενεὰ πονηρά ἐστιν. σημεῖον ζητεῖ, καὶ σημεῖον οὐ δοθήσεται αὐτῇ εἰ μὴ τὸ σημεῖον Ἰωνᾶ (Nestle, 2012, p.

233).

Como complemento da crítica textual, se propõe a seguinte tradução própria dessa versão: “E aglomerando-se as multidões, ele começou a dizer: Esta é uma geração perversa; eles pedem um sinal, mas nenhum sinal lhes será dado, senão o sinal do profeta Jonas”.

3.2 Interpretação do texto

Nessa seção se estuda o contexto e a tradução.

- **Contexto histórico.** Lucas, o médico e quem dá o nome ao evangelho, é o autor. Cesareia é o lugar mais provável, enquanto Paulo estava preso e Lucas contava com o tempo suficiente para coletar sua detalhada informação. A obra conjunta do evangelho de Lucas e o livro dos Atos está dirigida a Teófilo, um desconhecido por meio do qual Lucas se dirige ao mundo gentio da época (BARCLAY, 1955, p. 6). Lucas queria demonstrar aos leitores da época que a fé cristã se baseia em fatos históricos que devem entender-se como atos de Deus, e que por isso seus argumentos são racionais e dignos de confiança e credibilidade (WENHAM, 2003b, p. 188).

- **Contexto literário.** Para a seguinte análise literária do evangelho de Lucas se utiliza a divisão de perícopes realizada por Earle (2006, p. 419). O contexto maior é chamado “A viagem para Jerusalém – O ministério na Peréia” (9:51 - 19:27), e é a caminhada que Jesus realiza desde Betsaida até a capital de Israel. Começa com o Senhor reconhecendo que chegou a hora de se cumprir seu propósito, e termina com a entrada triunfal, quando é recebido como o Messias. Este périplo se caracteriza por muitos ensinamentos, parábolas e milagres, no que parece ser toda uma preparação dos discípulos para assumir as funções que terão após a partida do Senhor.

O contexto menor (9:51-13:21) é também a primeira parte do contexto maior, e termina com a parábola do fermento. Há um claro viés missionário e evangelístico nesta seção, em que destaca o constante confronto com os fariseus e o ensino permanente sobre como devem se comportar os verdadeiros servos de Deus. No contexto imediato anterior (11:14-28) é exigido a Jesus um sinal para demonstrar de onde vinha o seu poder para realizar milagres após ter libertado um endemoninhado, e no contexto imediato posterior (11:33-36), o Senhor ensina sobre

a necessidade de ter olhos limpos, pois eles são a luz do corpo.

• **Contexto cultural.** Para o século I, Israel tinha sofrido inúmeras mudanças, misturas, exílios e retornos, pelo que não é um exercício simples tentar explicar as características sociais daquele território. Era uma época de grande pluralismo cultural, com pessoas, filosofias e políticas indo e vindo, e muitas vezes até se batendo umas com as outras.

No momento específico da perícopes analisada, o povo esperava ansiosamente o advento e manifestação do Messias prometido, e muitos já tinham se apresentado como tal, pelo que a afirmação de Jesus sobre sua pessoa também não era uma novidade. O Senhor, na sua peregrinação até Jerusalém, era seguido por multidões que desejavam conhecê-lo e obter dele algum milagre, receber alguma resposta ou simplesmente observar alguma maravilha das que tanto se escutavam falar. Isso produz uma movimentação poucas vezes vista. Também, pela instabilidade religiosa e as constantes lutas pelo poder na região, “a estrutura política e religiosa dos judeus havia-se tornado muito rígida, como uma forma de proteger-se de ameaças externas” (COLEMAN, 1991, p. 243).

Um dos grupos mais atentos com as façanhas do Senhor era a elite religiosa, preocupada com a movimentação e a atração geradas por Jesus e com a probabilidade de ele ser o tão aguardado Messias que as sagradas Escrituras anunciavam. O medo dos escribas e fariseus radicava em dois pontos: por um lado, a influência que estavam perdendo diante do povo por causa dos ensinamentos do Mestre da Galileia, e por outro, quanto isto iria chamar a atenção de Roma, o poder político e militar que agiria de forma implacável se algum dos seus interesses estivesse em risco.

• **Tradução**

Texto em grego	Lexicográfica	morfologia	sintaxiologia	Apontamento teológico
ὄχλων	Multidões	Nome, gen, masc, pl	Sujeito	Cristologia, hamartiologia, escatologia
ἐπαθροισμένων	Sendo pressionados juntos (se	V, pres, part méd ou pass, gen, masc, 3	Verbo	

	ajuntando)	plural	
γενεά	Geração	Nome, nom, fem, sing	Sujeito
Πονηρά	Uma má	Adj, nom, fem, sing	Pred do suj
σημεῖον	Um + milagre, sinal	Nome, acus, neut, sing	Obj dir

Fonte: o autor, 2025, baseado no modelo do caleidoscópio exegético, dissertação de mestrado (RANGEL, 2024)

3.3 Aplicação

Nesse apartado se estudam as análises linguísticas e a síntese.

- **Análises linguísticas.** 1) Léxica. Sinal = milagre. Perversa = maligna, má. 2) Morfológica. Geração (γενεά) é um substantivo feminino singular no modo nominativo. 3) Estilística. Elipse relativa em que o nome é sugerido pelo verbo (BULLINGER, 1985, p. 68): “Mas as multidões se ajuntando, (Jesus) começou a dizer”. 4) Sintática. Esta geração (αὕτη γενεά). A geração presente que está escutando pessoalmente a Jesus. 5) Literária. Gênero maior: evangelho (WEGNER, 2009, p. 181-183). Gênero menor: discursivo, apocalíptico de correlação escatológica (WEGNER, 2009, 184-201). 6) Teológica. Cristologia, hamartiologia, escatologia.

- **Correlação.** Jesus está acusando àquela geração que o está ouvindo de serem maus, e que o único sinal que verão para validar a identidade do Senhor será sua morte e ressurreição.

- **Atualização.** Historicamente, todas as gerações da humanidade foram más. Diante disso, Jesus se apresenta como a única solução a toda maldade destruindo o pecado com sua morte e ressurreição. E essa é a maior prova da sua divindade.

- **Aplicação propriamente dita.** Todo ser humano, por natureza, é mau. Se você quer ser livre do seu pecado, aceite Jesus Cristo como Senhor e Salvador, pois ele demonstrou, com sua morte e ressurreição, ser o verdadeiro Filho de Deus que tira toda condenação das nossas vidas.

CONCLUSÃO

O método histórico-gramatical tem evoluído durante séculos, começando com os pais da igreja e atingindo seu cume na Reforma Protestante. Não admite as interpretações alegóricas, e está a favor da interpretação literal contextual da bíblia, respeitando sua gramática, seu contexto histórico e a intenção original de seus autores.

O objetivo desse método é compreender o significado claro das Escrituras e sua acessibilidade a todo leitor, evitando distorções teológicas e heresias que possam surgir de alegorias excessivas. Ele tem se estabelecido como alicerce da exegese bíblica, a teologia cristã e a prática religiosa.

O método histórico-gramatical se distingue pelo foco rigoroso e sistemático de interpretação bíblica, ao considerar tanto o contexto original quanto os detalhes linguísticos. Ao seguir esse método, o intérprete não só entende o que o texto diz em seu contexto original, mas também é capaz de aplicar seus ensinamentos de maneira coerente e relevante no presente.

De maneira resumida, o procedimento do método histórico-gramatical está preocupado com as seguintes questões: o que o texto diz em seu contexto original, o que quer dizer de forma transcendente no tempo e o que quer dizer nos dias de hoje (KUNZ, 2008, p. 221).

Esse método, consolidado desde a Reforma Protestante, continua a ser uma ferramenta fundamental na exegese bíblica contemporânea, ao proporcionar uma base sólida para o estudo fiel das Sagradas Escrituras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

BARCLAY, William. **Comentário do Novo Testamento: Lucas**. Glasgow: 1955.

BÍBLIA KING JAMES FIEL 1611 (BKJ). Niterói / RJ: BV Books, 2017.

BULLINGER, Ethelbet W. **Diccionario de figuras de dicción usadas en la Biblia.** Tradução por LACUEVA, Francisco. Barcelona: CLIE, 1985.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos.** 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. **Comentário de Romanos.** São Paulo: Fiel, 2001.

COELHO, Lázara Divina. **Os caminhos do método histórico-gramatical: uma perspectiva descritiva.** Goiás, 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos.** Belo Horizonte: Betânia, 1991.

COMFORT, Philip Wesley. **El origen de la Biblia.** Carol Stream, Illinois: Tyndale House Publishers, 2008.

DOCKERY, David S. **Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva.** São Paulo: Vida, 2005.

EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon: Mateus a Lucas.** Tradução Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ELLIOTT, Raymond L. La traducción de la Biblia. In: COMFORT, Philip Wesley. **El origen de la Biblia.** Carol Stream, Illinois: Tyndale House Publishers, 2008, p. 146-168.

FEE, Gordon D. **Exégesis del Nuevo Testamento. Manual para estudiantes y pastores.** Miami: Vida, 1992.

FEE, Gordon D., STUART, Douglas. **Entendes o que lê? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

GEISLER, Norman, NIX, William. **Introdução geral à Bíblia. Uma análise abrangente da inspiração, canonização, transmissão e tradução.** São Paulo: Vida Nova, 2021.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KAISER JR, Walter C., SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica. Como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época.** São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical: um estudo descritivo. **Via Teológica.** Vol. 2, n° 16, p. 195-226. 2018.

MUELLER, Enio Ronald. O método histórico-crítico – uma avaliação. In: FEE, Gordon D., STUART, Douglas. **Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 237-318.

NESTLE, Eberhard, NESTLE, Erwin. **Nestle-Aland Novum Testamentum Graece.** 28ª ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2012.

RANGEL, Rodrigo Mathias **Uma abordagem metodológica para a análise textual bíblica com base na funcionalidade do caleidoscópio, exemplificado em Efésios 6.10 e Esdras 7.10.** Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades Batista do Paraná, Curitiba, 2024 Bibliografia: f. 89-93.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica.** São Paulo: Vida, 1987.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia.** 6.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

WENHAM, G.J.; MOTYER, J.A.; CARSON, D.A.; FRANCE, R.T. **Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno. Nuevo Testamento.** Mundo Hispano, 2003b.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 1994.

REPENSANDO O EVANGELISMO PESSOAL: ORIENTAÇÕES PARA UMA ABORDAGEM PRÁTICA, INTENCIONAL E EFETIVA

Wesley José Silva¹
Esp. Malena R. O. Clower²

RESUMO

O presente artigo propõe repensar o evangelismo pessoal na sociedade, com o objetivo de torná-lo mais prático, intencional e efetivo. A pesquisa parte da definição bíblica de evangelho e evangelismo, à luz das Escrituras e de teóricos da teologia. Além disso, examina, com base na ordenança de Jesus, os motivos que levam os cristãos a negligenciar a prática evangelística. Por fim, o artigo oferece orientações práticas para que os discípulos de Jesus realizem o evangelismo não apenas como um evento, mas como um estilo de vida, fruto da graça de Deus.

Palavras chave: evangelismo; evangelho; ide; prática; estilo de vida

ABSTRACT

This article proposes a redefinition of evangelism in Brazil, aiming to make it more practical, intentional, and effective. The research begins with a biblical definition of the gospel and evangelism, in light of Scripture and theological theorists. Furthermore, it examines, based on Jesus' commission, the reasons why Christians neglect evangelistic practice. Finally, the article offers practical guidance for Jesus' disciples to engage in evangelism not merely as an event, but as a lifestyle, a result of God's grace.

Keywords: Evangelism; gospel; go; practice; lifestyle

INTRODUÇÃO

O evangelismo, enquanto prática central no cristianismo, tem sido, ao longo dos séculos, uma das principais maneiras pelas quais os cristãos buscam cumprir a Grande Comissão de Jesus, registrada em Marcos 16:15 “E disse-lhes: vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura”. No entanto, nota-se a dificuldade na definição do que é evangelho e evangelismo, o que resulta na negligência da prática deste último pelos cristãos. Nesse contexto, surge a necessidade de repensar o evangelismo pessoal, a fim de torná-lo mais prático, intencional e efetivo.

Para tanto, será explorada a definição bíblica do evangelho e do evangelismo, à luz das Escrituras e dos principais pensadores da teologia cristã, além de uma análise crítica dos motivos que, muitas vezes, levam os cristãos a negligenciar a prática evangelística. A pesquisa ainda se propõe a oferecer orientações práticas para que os discípulos de Jesus possam evangelizar não apenas como um evento,

mas como um estilo de vida transformador, resultado da graça de Deus.

A relevância do presente estudo se dá pela urgência de um evangelismo que dialogue com as necessidades e os anseios da sociedade, utilizando as ferramentas disponíveis, e enfatizando a evangelização relacional, que considere o contexto social e individual de cada pessoa. Ao longo deste trabalho, pretende-se apresentar um caminho que torne o evangelismo mais acessível, intencional e eficaz, cumprindo seu papel de maneira relevante e verdadeira para a sociedade.

1 O QUE É EVANGELISMO E QUEM DEVE EVANGELIZAR

A importância do evangelismo na vida cristã é inegável, mas nem sempre é bem compreendida e praticada. Muitas vezes, pergunta-se quem deve assumir essa responsabilidade ou como ela deve ser realizada. Embora a tarefa de compartilhar a fé seja essencial para o crescimento do Reino de Deus, a igreja, de modo geral, enfrenta dificuldades em equipar seus membros para esse propósito. Isso nos leva a refletir sobre o verdadeiro papel de cada cristão na missão de levar o evangelho ao mundo.

Antes de se definir o que é evangelismo, é importante entender o que é evangelho. Hull define da seguinte maneira: “A palavra ‘evangelho’ significa simplesmente boas novas” (2022, p. 26). O apóstolo Paulo afirma em sua carta aos Romanos no capítulo 1 versículo 17 “que o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” e Barth afirma que “o ‘poder de Deus’ é o poder ‘para a salvação’. O homem neste mundo está em cativeiro” (2022, p. 41).

Hull ainda aponta de forma muito eficaz um esqueleto para definição do evangelho dividido em três partes: 1) Cristo morreu, 2) Cristo foi sepultado e 3) Cristo foi ressuscitado (2022, p. 28-29). Com isso, pode-se dizer que o evangelho é a história de Jesus contada pelos homens aos homens para a salvação.

Para concluir, vale apresentar a fala de Barth sobre o evangelho.

“Eu não me envergonho”. O evangelho não precisa ir em busca de polêmicas com as religiões e filosofias do mundo, nem tão pouco precisa fazê-las ou fugir delas. O evangelho persiste e subsiste por si, como a mensagem que vem da linha da intercessão do plano deste mundo como plano do mundo do além, desconhecido para nós. O evangelho não entra em concorrência com quaisquer teorias ou pesquisas ou outras elucubrações e deduções que a ciência, a sabedoria ou cultura possam haver encontrado ou ainda venham a encontrar mesmo que sejam

transcendentais ou oriundas do mais elevado círculo do saber humano pois o evangelho não é uma verdade ao lado de outras verdades mas é a verdade que questiona [afere], todas as demais verdades. O evangelho é dobradiça e não folha de porta (Barth, 2020, p. 38-39).

Superada a definição de evangelho, nota-se que um dos primeiros obstáculos ao evangelismo é a dificuldade em defini-lo. Nesse sentido Keneddy afirma que, o evangelismo é “partilhar o evangelho com o mundo inteiro” (1983, p. 2).

Na visão de Subirá sobre a proclamação do evangelho, o evangelismo “é anunciar a mensagem de Deus aos homens” (2021, p. 331). Mas aqui, surge uma pergunta: Qual é a mensagem de Deus aos homens? O grande evangelista Bonnke responde esse questionamento de forma magistral ao dizer: “Cada ser humano que ainda não tenha sido redimido anseia pela mensagem de salvação” (2016, p. 8). Assim, reafirma-se que a mensagem de Deus aos homens é essencialmente uma mensagem de salvação, trazendo redenção e esperança a todos que a recebem.

Pohl destaca uma característica fundamental dessa mensagem de salvação: o arrependimento sincero, que é o ponto central para a transformação espiritual e a reconciliação com Deus “A pregação de Jesus desembocava em um desafio duplo. Em concordância com os profetas (p ex Is 59.20; 56.1s; 58.6,7) e com o Batista (cf. v. 4), ela se torna convocação à conversão: Arrependei-vos!” (1998, p. 41). Portanto a nossa mensagem precisa seguir o modelo da mensagem de salvação de Jesus “Arrependei-vos, pois está próximo o Reino dos céus” (Mateus 3:17).

Ainda sobre o evangelismo e o teor da sua mensagem, vale a pena lançar três fundamentos definidos por Grudem, sendo eles “ todas as pessoas pecaram (Romanos 3:23), a penalidade por nosso pecado é a morte (Romanos 6:23) e Jesus morreu para pagar a penalidade por nossos pecados (Romanos 5:8)” (2022, p.115). Estes princípios fornecem uma estrutura clara e bíblica para a proclamação do evangelho, enfatizando tanto a condição humana quanto a solução divina por meio de Jesus.

Frequentemente, percebe-se que a igreja carece tanto de ensino quanto da prática de uma ordenança clara de Jesus: o "ide". O evangelismo é um mandamento para todos os que creem, porém muitos cristãos ainda acreditam que essa missão é destinada apenas a um grupo específico de pessoas.

Neste sentido, Keneddy diz que “95% dos membros de nossas igrejas, nunca levaram qualquer pessoa a Cristo. Assim, o exército de Cristo tem sido mais do que dizimado e a resposta da congregação tem sido: “Deixe que o pastor faça” (1983, p.

4). Isso reafirma o pensamento de que evangelismo é para um grupo especial de pessoas.

Grudem diz que “a convocação do evangelho passa pela pregação humana” (2018, p.114). Em Marcos 16:15 vemos “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.” Nesta passagem Jesus está falando diretamente com os seus onze discípulos, (pois Judas tinha cometido suicídio e até esse momento Matias ainda não tinha ocupado seu lugar) e lhes imputa essa responsabilidade, fazendo com que seus discípulos levantassem e comesçassem a falar sobre o evangelho às pessoas que eles não conheciam (Pohl, 1998, p. 330). Essa ordenança é válida para todos os discípulos, em todas as épocas. Se tivesse sido limitada ao grupo original, a mensagem do evangelho teria cessado ainda no primeiro século.

Além disso, ao considerar esse texto bíblico, o erudito Barclay ressalta que, a partir das palavras de Jesus, a igreja recebeu diversas responsabilidades, entre as quais se destaca a mais significativa: “A igreja tem a tarefa de pregar. É dever da igreja, e isto quer dizer de cada cristão, contar a história das boas novas de Jesus àqueles que nunca a ouviram. O dever do cristão é ser arauto de Jesus Cristo” (1995, p. 360). Isso enfatiza que a evangelização é uma responsabilidade central da igreja, e que cada cristão deve ser um mensageiro comprometido das boas novas de Jesus, alcançando aqueles que ainda não conhecem a mensagem da salvação.

Conforme MacArthur “evangelismo não é apenas uma atividade incidental na vida da igreja; é o mais urgente dever que nós cristãos temos a realizar” (2012, p.13). Essa afirmação destaca a urgência da responsabilidade que os cristãos têm em relação ao evangelismo, lembrando que compartilhar a mensagem de Cristo é uma missão inadiável. Sendo assim, devem ser motivados a agir com compromisso e dedicação, não permitindo que essa tarefa seja negligenciada.

Ainda neste sentido, Subirá diz que “a salvação nos é dada para ser compartilhada. Ninguém pode oferecer a outro o que não tem, mas tem a obrigação de compartilhar o que recebeu” (2021, p. 331).

Não obstante, Hybels afirma “explicando de forma simples, se você é um seguidor de Cristo, então você foi chamado e equipado, e espera-se que você compartilhe o evangelho” (2008, p. 64).

A fim de corroborar com as afirmações acima, cabe trazer as considerações de Erickson (1997, p. 446):

O tópico que se destaca nos dois relatos sobre as últimas palavras de Jesus aos discípulos é a evangelização. Em Mateus 28:19 ele os instrui: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações”. Em atos 1:8 ele diz, “Mas receberei poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra”. Esse foi o último assunto que Jesus tratou com seus discípulos. Parece que ele via a evangelização como a própria razão da existência deles.

[...]

O chamado para a evangelização é uma ordem. [...] “Pois ele disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15). Se os discípulos realmente amassem o Senhor, cumpriam esse chamado para a evangelização. Não se tratava de uma questão opcional para eles.

Por fim, é possível ainda citar o apóstolo Paulo, um homem que entendeu muito bem tal responsabilidade imputada por Jesus aos seus discípulos quando diz: “Ai de mim, se não pregar o Evangelho” (1 Coríntios 9:16). No mesmo sentido, Barth diz que “o homem se aproxima diante do seu semelhante, na condição de mensageiro” (2020, p. 31).

Para destacar a responsabilidade universal dos discípulos de Cristo na proclamação do evangelho, Barth observa que “a possibilidade de ouvir o evangelho é igual para todos e assim também a responsabilidade de anunciá-lo” (2020, p. 46).

Com o objetivo de trazer uma palavra de ânimo e encorajamento, e destacar que todos os que são guiados pelo poder do Espírito Santo, podem ser instrumentos na proclamação desta mensagem, vale recorrer a este comentário: “Homens comuns, pessoas como eu e você, tornaram-se instrumentos para que a mensagem de Cristo fosse levada até os confins da terra” (MacArthur, 1939, p. 13). E ainda com o objetivo de encorajamento, Bonnke diz: “Deus se agrada de chamar e enviar pessoas como você e eu” (2015, p. 13). Isso reafirma que o evangelismo não é reservado apenas a um grupo seleto de pessoas, mas é uma missão inclusiva que envolve todos aqueles que professam a fé cristã.

Por fim, ressalta-se o que MacArthur diz sobre o tema, “O cristão não precisa ter um chamado específico ou dons especiais para ser arauto das boas novas” (2012, p. 14). Isso enfatiza que a missão é de todos e para todos.

Assim, fundamentado nas Escrituras e respaldado pelos estudiosos, fica claro que cada discípulo de Jesus tem a missão e o dever de proclamar o evangelho para a salvação. No entanto, muitos têm falhado em cumprir essa ordem, o que revela a necessidade de maior encorajamento, preparo e compromisso com o chamado de levar a mensagem de Cristo aos que ainda não o conhecem. Diante disso, é

importante refletir sobre os motivos que têm levado muitos a não se envolverem com o evangelismo, e entender as barreiras enfrentadas nessa importante ordenança.

1 MOTIVOS QUE LEVAM OS CRISTÃOS A NÃO EVANGELIZAREM

Atualmente, raramente o evangelismo é ensinado nas igrejas, e quando o é, muitas vezes é de forma superficial. As pregações nesse sentido costumam exaltar o pregador e sobrecarregar os ouvintes com a cobrança de “você precisa evangelizar”, sem, no entanto, explicar “como evangelizar”.

Quatro obstáculos em relação ao evangelismo são apontados por Swindoll: ignorância, temor, indiferença e experiências negativas. Em linhas gerais a ignorância se perfaz em desconhecer técnicas de evangelismo, o temor se traduz no medo da rejeição, a indiferença se revela na falta de compaixão com os perdidos e as experiências negativas criam um bloqueio à anunciação do evangelho (2017, p. 232).

Conforme destaca Ferguson “pesquisas mostram que, os crentes em Jesus, estão realmente confusos sobre como partilhar a sua fé” (2021, p. 29). Hoje, infelizmente, a igreja enfrenta dificuldades em testemunhar sobre Jesus. Se revela habilidosa em fazer proselitismo ou em convencer crentes a mudarem de igreja, mas muitas vezes carece da verdadeira capacidade de conduzir alguém a Cristo por meio da pregação genuína do evangelho, pois falta um ensino adequado e sólido sobre como compartilhar a sua fé.

Ensinam a cuidar de suas famílias e a guiar seus filhos nos caminhos do Senhor, o que é extremamente importante. Contudo, a missão vai além disso, também é preciso conduzir outras pessoas a Cristo, o que acontece principalmente por meio do evangelismo. Portanto, é crucial que pastores e líderes equipem seus membros para cumprir essa missão, fornecendo o ensino e as ferramentas necessárias.

Lidório aponta alguns motivos que levam os cristãos a não compartilharem o evangelho. Ele destaca “a preguiça espiritual para a evangelização, a insensibilidade diante das almas perdidas e o corre-corre daqueles que fazem muito” (2003, p. 89). Ainda que essas razões sejam realmente legítimas e até compreensíveis, elas não passam de razões humanas e carnis e não podem ser justificativas para a negligência da prática da evangelização.

Principalmente devido ao ritmo acelerado da vida moderna, como mencionado anteriormente, muitos já não encontram tempo ou até mesmo disposição para estar com outras pessoas. Costa em seu livro Teologia da Trincheira, destaca algo crucial sobre a vida de Jesus, afirmando: “vemos um fato aparentemente evidente, mas bastante significativo: Jesus tinha contato com as pessoas” (2017, p. 96). Esse ponto é determinante para a falha na evangelização: pessoas não estão verdadeiramente presentes na vida umas das outras. Sem essa proximidade e convivência, o evangelho não pode ser vivido nem compartilhado de forma eficaz.

Por outro lado, Ferguson destaca que as pessoas ao nosso redor estão sim à procura de amigos que as escutem sem críticas, as amem de forma genuína, ofereçam orientações sábias e as apoiem espiritualmente (2021, p. 32). Isso demonstra que, em vez de apenas se considerar a falta de relacionamentos como uma questão de tempo e vontade, deve-se pensar sobre a intenção em oferecer o tipo de amizade e apoio que as pessoas realmente buscam. O verdadeiro desafio está em se abrirem para essa amizade genuína, permitindo que o amor e apoio façam a diferença na vida dos outros.

Não raramente os cristãos se aproximam das pessoas com o único objetivo de convertê-las, sem se disporem a amá-las de forma genuína. Essa postura acaba prejudicando e fechando os corações delas para o evangelho, pois frequentemente agem como julgadores, opressores e donos da verdade. Esquecem que cada pessoa carrega sua própria história, crenças e cosmovisão, e seu papel não é mudar esses aspectos para que o evangelho seja aceito, mas sim pregar o evangelho com amor, confiando que ele, por si só, tem o poder de transformar as pessoas. Nesse sentido, MacArthur diz “tudo que um evangelista faz é proclamar” (2012, p. 41).

Muitas vezes, a comunidade cristã sente medo de se tornar amiga de pecadores por temer o que as pessoas irão pensar. No entanto, Ferguson compartilha uma perspectiva interessante sobre as amizades de Jesus ao afirmar que ele era “Amigo de Pecadores” (2021, p. 33). Neste sentido, Moura diz:

[...] ao conviver com ladrões, falsificadores e prostitutas, Jesus não está dizendo que aprovava o estilo de vida deles, e sim que os aceitava como eram e estava ali para oferecer a graça de Deus.[...] Essa graça, porém, pressupunha arrependimento. [...] O estilo de vida daquelas pessoas demandou a morte de Jesus. Em nenhum momento, Cristo quis dizer que aprovava o comportamento pecaminoso daquelas pessoas, mas que, se aqueles pecadores quisessem mudar, Jesus era o caminho da mudança (2017, p. 77).

Com isso, nota-se que Jesus se preocupava verdadeiramente com as pessoas antes de querer mudar as atitudes delas e ainda, que não se importava com o julgamento alheio.

Construir amizades sinceras com as pessoas abrem portas para a pregação do evangelho. Nesse contexto, Ferguson afirma que “dentro de uma amizade, a grande maioria das pessoas está disposta a falar sobre coisas espirituais” (2021, p. 30). Além disso, ele ressalta que “ouvir sem julgar é algo que todos nós somos capazes de fazer. É amor. É graça. É ser um amigo de verdade” (2021, p. 31).

Diante disso, o grande desafio está em desenvolver amizades autênticas, não com o intuito principal de pregar o evangelho, mas com o sincero desejo de amar e ser um amigo verdadeiro. A ausência desse sentimento sincero nas relações frequentemente impede o evangelismo eficaz, fechando portas que poderiam estar abertas.

O medo da rejeição e do que as pessoas irão pensar a seu respeito, também é um fator que impede o evangelismo (Swindoll, 2017, p. 232). Com isso, muitos não evangelizam simplesmente por medo.

Em Marcos 8:34, Jesus declara: “Se alguém quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (NAA). Esse texto é poderoso, pois representa um convite direto de Jesus para segui-lo. Jesus fala com clareza e transparência, sem rodeios que possam enganar aqueles que recebem seu chamado. A esse respeito, Barclay diz que “a honestidade de Jesus é quase assustadora. Ninguém poderia dizer jamais que tinha seguido Jesus sob falsos atrativos” (1956, p. 201).

Jesus lança esse convite para a multidão: “Então, convocando a multidão (...)” (Marcos 8:34). Não se trata de uma imposição, mas de um chamado para aqueles que desejam ser seus discípulos. A decisão está nas mãos de cada um, de responder com fé e obediência a esse convite. Se a resposta for negativa, nada muda; porém, se disserem 'sim, eu quero segui-lo', serão imediatamente confrontados com o profundo desafio de negar a si mesmo, abrindo mão do ego e das vontades pessoais para seguir a Jesus.

Diante disso, Barclay afirma: “quem quiser seguir a Cristo deve dizer não a si mesmo e sim a Cristo” (1995, p. 203). Isso leva ao entendimento de que não é possível dar duas respostas afirmativas; ao dizer sim a si mesmo, rejeita-se Cristo, ao passo em que dizer sim a Cristo, implica em rejeitar a si mesmo. Essa decisão

exige o abandono dos próprios desejos e interesses, comprometendo-se plenamente com o chamado dele.

Para aqueles que decidiram se comprometer com o chamado de Jesus e responder em fé, é pertinente destacar a reflexão de Barclay sobre a responsabilidade de um discípulo. Ele afirma que um discípulo deve “dizer sim, sim, sem vacilação, à voz e ao mandato de Jesus” (p. 203). E qual é a ordenança de Jesus para os seus discípulos? A resposta é clara e direta: “Ide por todo o mundo e preguem o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15). Quando uma pessoa se torna um discípulo verdadeiro de Jesus e o evangelho transforma a sua vida, ela simplesmente exerce sua função. Não implora por atenção” (Keller, 2017, p. 35). Com isso, a função do discípulo é pregar o evangelho.

Em seu livro *O Ego Transformado*, Keller assevera que “o ego vive chamando atenção para si mesmo - e isso todos os dias. O tempo inteiro, o ego exige que avaliemos nossa aparência e a maneira em que somos tratados” (2014, p. 18). O tempo todo as pessoas preocupam-se com o que se pensa a respeito delas. Isso parece um tanto quanto contraditório sobre a exigência que Jesus faz para aqueles que desejam ser seus discípulos “negue-se a si mesmo” (Marcos 8:34).

Ainda sobre o tema de negar a si mesmo, incabível se torna pensar ou focar em si mesmo. Assim, deixa-se de pensar em si e passa-se a viver a bênção do auto esquecimento (Keller, 2014, p. 34). Em um mundo tão egocêntrico, apenas o evangelho é capaz de gerar esse sentimento nos corações.

E por que há tanto medo do julgamento das pessoas, se como bem dito, a pregação do evangelho é a história de Jesus contada aos homens? Afinal o evangelho não é sobre pessoas, mas sim, sobre Jesus. Assim, quando os homens rejeitam a mensagem, não rejeitam o mensageiro, mas Cristo, e a graça de Deus.

Um dos principais fatores que impedem o evangelismo é a falta de conhecimento sobre o tema. Embora os cristãos saibam que devem evangelizar, muitas vezes não têm clareza sobre como fazê-lo. Como afirma Swindoll, “Simplesmente não sabemos o que fazer para evangelizar” (2017, p. 232). Isso resulta em dificuldades para agir quando surgem oportunidades.

Muitos se opõem a métodos de evangelismo, especialmente quando esses métodos se tornam limitantes, levando a uma confiança excessiva nas técnicas em detrimento do poder intrínseco do evangelho para tocar os corações. Swindoll afirma: “não gostamos de técnicas estereotipadas e, por isso, ficamos sem

nenhuma” (2017, p. 232). Embora seja verdade que não existe uma técnica infalível que funcione para todos, viver sem qualquer direção também não é a solução para o problema.

Para encontrar o equilíbrio necessário, cumpre citar Bonnke, que afirma que: “Em qualquer tipo de evangelismo, o método utilizado deve levar em conta que não estamos lidando com máquinas” (2016, p. 130). Esse entendimento ajuda a evitar a dependência excessiva de um único método, permitindo que se tenha uma abordagem estruturada. No entanto, a falta de equilíbrio frequentemente conduz a extremos: um apego rígido a um método, acreditando que ele é a única forma de levar as pessoas a Cristo, ou a ausência completa de estratégia, resultando na falta de direção no evangelismo.

Ferguson afirma que:

Os dados demonstram o quão confusos e frustrados os crentes estão sobre compartilhar as boas novas de Jesus! A conversa interna sobre este tópico para muitos pode ser mais ou menos assim: Minha fé fez uma grande diferença para mim e eu sei que pode ajudar outros... Jesus nos diz que são boas notícias, e eu deveria compartilhá-las... Mas sempre que tento apresentar o Evangelho, sinto que estou vendendo um carro usado ou que faço parte de um esquema de pirâmide!... Então, talvez o que estou ouvindo da sociedade que “evangelismo está errado” esteja certo. Talvez eu nem deva tentar fazer isso” (Ferguson, 2021, p. 29).

Com isso, é possível afirmar que os cristãos não praticam o evangelismo, em grande parte, porque não sabem como fazê-lo.

3 ORIENTAÇÕES PRÁTICAS, INTENCIONAIS E EFICAZES PARA UM EVANGELISMO PESSOAL

Frente a evidente falha na prática do evangelismo devido, em grande parte, à falta de conhecimento, o presente capítulo apresentará um panorama prático e simples de ações que todo cristão pode adotar para cumprir a grande ordenança de Jesus: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). O objetivo é fornecer orientações aplicáveis no cotidiano, tendo em vista o evangelismo pessoal, permitindo que se possa aproveitar todas as situações para propagar a mensagem do evangelho, que para Bonnke apenas se torna uma boa notícia quando pregado (2016, p. 78).

Primeiramente, é importante ressaltar o que Bonnke afirma sobre os métodos: “O princípio que não podemos nos esquecer é que Deus usa pessoas e não

métodos” (2016, p. 130). Assim, o objetivo aqui é apresentar algumas orientações práticas para o evangelismo, visando capacitar os cristãos a serem mais assertivos em seu testemunho, sem a intenção de impor um modelo infalível ou rígido. Além disso, não se tem a pretensão de esgotar o assunto, pois se reconhece haver diversas formas de compartilhar a fé.

Indiscutível que o princípio comum dentre as diversas formas de evangelizar é o amor. Como bem afirmou Bonnke, “cada mensagem pregada deve ser transmitida com amor” (2015, p. 132). Não importa se você está praticando o evangelismo pessoal ou participando de um evangelismo de impacto; a mensagem compartilhada deve transbordar amor, especialmente o amor de Deus por aquelas pessoas e também o seu amor por elas.

Tudo começa com a oração (Ferguson, 2021, p. 45). A melhor maneira de se amar as pessoas é fazendo uma oração por elas. No evangelho de João, capítulo 17, vemos Jesus orando pelos seus discípulos, e por todos “aqueles que haveriam de crer em seu nome” (João 17:20). Portanto, de início já se destaca a necessidade de desenvolver o hábito de orar por aqueles que ainda não foram alvo da graça e do amor de Jesus. Ainda sobre a oração, Ferguson diz que “a oração é o modo como você descobre a sua missão e como você vive a missão” (2021, p. 45).

Hybels pedagogicamente aponta uma direção para o evangelismo pessoal, notadamente no campo relacional, quando afirma que é preciso desenvolver amizade com as pessoas, descobrir suas histórias e aprender a discernir os próximos passos (2008, p. 102).

É preciso estar próximo das pessoas, pois isso é fundamental. Muitas vezes, um sentimento de superioridade impede os cristãos de se relacionarem com as pessoas, o que culmina no pensamento de que apenas pregar é suficiente. Como Subirá afirma: “Temos a responsabilidade de proclamar a mensagem divina da salvação em Cristo. No entanto, se o nosso estilo de vida não condiz com a mensagem que pregamos, então ela perde a força” (2021, p. 332). Fica claro que, ao se aproximarem das pessoas, a comunidade cristã passa a ser conhecida por elas, o que abre portas para a pregação do evangelho.

Citando Filipe e o episódio com o etíope em Atos 8, Swindoll observa que “ele tomou a iniciativa”. Mas, em sua atitude, não se nota o menor intuito de ofender ou humilhar o outro” (2017, p. 236). Muitas vezes, falta proatividade por parte dos cristãos, revelando até mesmo uma certa apatia ao esperarem que as pessoas

venham até eles para ouvir a mensagem do evangelho. No entanto, esse é um grande engano, pois o homem natural não tem interesse pela mensagem do evangelho.

Por isso, é preciso agir e tomar a iniciativa. É essencial iniciar um relacionamento e abrir uma conversa, dando espaço para que o outro se expresse. É interessante sempre deixar uma pergunta no ar para que a pessoa possa falar. Isso demonstra que a opinião dela é importante e que se valoriza o que ela tem a dizer. Ferguson diz que “A escuta verdadeira, pode ser o presente mais gentil e amoroso que você pode dar a alguém” (2021, p. 46).

Com certeza, esse é um ponto fundamental quando se trata de evangelismo: evitar discussões. O evangelismo não é um tribunal. Ao perceber que a conversa está se desviando para um conflito, é importante mudar o assunto. Se a pessoa for um amigo, o melhor é esperar por um outro momento mais apropriado para compartilhar a verdade, evitando conflitos. Se tratando de um desconhecido, torna-se mais eficaz interromper o assunto, abençoar a pessoa e deixá-la seguir seu caminho. Essa abordagem preserva o respeito mútuo e pode abrir portas para futuras conversas, pois muitas vezes, o impacto mais significativo vem da maneira como as pessoas são tratadas.

Escutar com interesse verdadeiro, demonstrando atenção e empatia pela pessoa com quem se está conversando também é fundamental. Como diz Ferguson, “A escuta verdadeira pode ser o presente mais gentil e amoroso que você pode dar a alguém” (2021, p. 46). Ao ouvir de forma genuína, você cria um espaço para que a outra pessoa também se sinta ouvida e, assim, se abra para o diálogo. Durante essa escuta, ao perceber algo que possa se relacionar com a mensagem do evangelho, é interessante fazer a ponte de maneira natural e respeitosa, sem que isso pareça o único propósito da conversa. O mais importante é que a pessoa sinta que sua atenção e interesse são genuínos.

Tão importante quanto uma escuta genuína, a forma como nos comunicamos também desempenha um papel fundamental. Os cristãos comumente utilizam uma linguagem própria, que pode ser de difícil compreensão para aqueles que ainda não compartilham da mesma fé. Por isso, é essencial transmitir as verdades de Deus de maneira clara e simples, para que todos possam entendê-la. Deve-se evitar jargões evangélicos ou termos complicados (Swindoll, 2017, p. 214), pois, ao fazer isso, não só dificulta a compreensão da mensagem, como corre-se o risco de parecer

ofensivos. E Swindoll ainda diz “a mensagem da cruz é que é o motivo de ofensa e não a pessoa que a transmite (2017, p. 241).

Ainda nesse sentido, Hybels assegura que “palavras como ‘salvação’, ‘nascido de novo’, ‘aceitar Jesus’ e ‘Senhor e Salvador pessoal’ significam muito pouco para pessoas que não seguem a Cristo” (2008, p. 131).

Além disso, toda abordagem precisa ser objetiva. Swindoll afirma: “Quando estivermos testemunhando de nossa fé, limitemo-nos a falar de Cristo. Não falemos de Igreja, nem de denominações, nem de religião” (2017, p. 241). Essa objetividade deve ser levada a sério, pois evita discussões desnecessárias. Ser objetivo significa declarar claramente que Jesus é o único Salvador.

Mensagens que garantam o acontecimento de eventos de quaisquer natureza como “Jesus vai te curar”, “Jesus vai mudar o seu casamento”, “Jesus vai te deixar rico ou te tirar da crise”, entre outras, devem ser definitivamente afastadas, pois são distorcidas e não refletem a verdade do evangelho. O evangelho é a verdade de Deus, e a verdade é que “somos todos pecadores e estamos destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23).

Por fim, uma mensagem que deve ser evitada a todo custo é a do tipo “aceite Jesus, ou você irá para o inferno”. Swindoll chama isso de “ameaça agressiva” (2017, p. 241). A mensagem do evangelho nunca deve ser comunicada com esse teor de ameaça. Pelo contrário, ela precisa ser compartilhada com amor e em amor, refletindo a graça de Cristo e o convite ao arrependimento, sem medo ou imposições mas com compaixão e respeito pela liberdade do outro.

O objetivo de toda abordagem ou conversa é sempre levar a pessoa a refletir sobre o que foi compartilhado, fazendo um apelo para que ela responda de forma consciente à mensagem do evangelho. É fundamental perguntar se a pessoa compreendeu a mensagem e, em seguida, convidá-la a responder positivamente, entregando sua vida a Jesus, confessando-o como Senhor e Salvador, arrependendo-se de seus pecados e decidindo segui-lo por toda a sua vida. Neste sentido, Subirá diz que “Não basta ter fé no coração; é preciso expressá-la verbalmente” (2021, p. 155).

Desta forma, partindo de um diálogo respeitoso, de relações verdadeiramente construídas e da apresentação, de forma clara e concisa, do plano de salvação, é possível realizar um evangelismo prático, intencional e eficaz.

Sem a pretensão de esgotar a temática, o que se pretende explicar é que

para além de um método, o evangelismo é, antes de tudo, um estilo de vida daqueles que foram alcançados pela graça de Deus e que, através do amor, com empatia e estabelecendo conexões pessoais levam o evangelho aqueles que ainda carecem da mensagem de salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evangelismo, como prática fundamental da missão cristã, necessita ser constantemente revisado e adaptado aos desafios contemporâneos. Este estudo propôs uma maneira de pensar o evangelismo pessoal na sociedade, destacando a importância de torná-lo mais prático, intencional e efetivo. Partindo do entendimento indiscutível de que o Ide ordenado por Jesus é para todos os cristãos, tornou-se possível compreender o evangelismo não apenas como um evento, mas como um estilo de vida contínuo, pautado pela graça de Deus. A pesquisa ainda aponta para a necessidade de uma evangelização que seja relacional, contextualizada e engajada com as necessidades das pessoas.

A reflexão teológica apresentada sugere que a verdadeira efetividade do evangelismo está em como a mensagem é vivida e testemunhada no cotidiano, por meio de atitudes, ações e interações genuínas. Evangelizar de forma prática e intencional exige que os cristãos se envolvam ativamente nas realidades sociais e pessoais das pessoas ao seu redor, refletindo o amor e a compaixão de Cristo em suas ações diárias. A eficácia do evangelismo não depende apenas de palavras, mas do testemunho autêntico que emana de uma vida transformada pela graça de Deus.

Por fim, as orientações práticas deste estudo visam equipar os cristãos para um evangelismo mais intencional, eficiente e relevante. Repensar o evangelismo não implica em alterar a mensagem do evangelho, mas adaptar suas formas de comunicação, garantindo que a mensagem de salvação chegue de maneira clara e transformadora a todas as pessoas, em todos os contextos. O evangelismo, portanto, deve ser entendido e vivido como um reflexo da graça divina, que se manifesta tanto em palavras quanto em ações no cotidiano cristão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCLAY, William. **Comentário de Marcos**. Trinity College: Glasgow-Escócia, 1995. BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA. Tradução Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. BÍBLIA. THOMPSON. Marcelo Smargiasse. São Paulo: Vida, 2014.

BONNKE, Reinhard. **Evangelismo por Fogo: acendendo a sua paixão pelo perdido**. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2015.

BONNKE, Reinhard. **O tempo está se esgotando**. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2016.

COSTA, Antonio Carlos. **Teologia da trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo**. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. Tradução – Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERGUSON, Dave. **Bless: alcançando vizinhos, transformando o mundo**. Brasília: Palavra, 2021.

GRUDEN, Wayne. **Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

HULL, Bill. **Conversão e discipulado: você não pode ter um sem ter o outro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2022.

HYBELS, Bill. **Evangelismo: passos simples para atravessar as salas da vida e alcançar os perdidos**. Rio de Janeiro: Lus às Nações, 2008.

KELLER, Timothy. **Ego transformado: a humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria**. Trad. Eulalia Pacheco Kregeness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KENEDDY, D.James. **Evangelismo explosivo**. Publicado em Português por evangelismo Explosion III, International, P.O.Box 23820, Fort Lauderdale, Florida 33307, USA, 1983.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Missões: o desafio continua**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2003.

MACARTHUR, John. **Evangelismo: compartilhando o evangelho com fidelidade**. São José dos Campos: Fiel, 2012.

MOURA, Lisânias. **Cristão homoafetivo?: um olhar amoroso à luz da bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos**. Comentário Esperança. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Editora Evangélica Esperança, 1998.

SHEED, Russel P. **Evangelização: Fundamentos Bíblicos**. Santo Amaro: Sheed publicações LTDA, 2006.

SUBIRÁ, Luciano. **Graça transformadora**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

SWINDOLL, Charles. **Firme seus valores**. Curitiba: Betânia, 2017.

A DOCTRINA DE DEUS E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO TEOLÓGICA E VIVÊNCIA CRISTÃ

Esp. Vinícius Barreto Machado¹

Dr. Josimaber Siqueira Rezende²

RESUMO

O conhecimento de Deus, tanto em sua transcendência quanto em sua imanência, apesar de frequentemente subestimado na Igreja contemporânea, tem o poder de remodelar afetos e perspectivas, alterando profundamente todos os tipos de relacionamentos, sendo evidenciado na vida do cristão através da prática genuína da piedade. Sob esta hipótese, este estudo teve como objetivo destacar a importância da doutrina de Deus para uma construção teológica sólida, e para o cultivo de uma vida piedosa fundamentada no caráter divino. Através da revisão de literatura relevante e da análise das Escrituras Sagradas, foram realizadas a reafirmação do conceito da doutrina como algo bíblico, desejável e indispensável para a fé cristã, apresentadas as bases da teologia, destacando seu desenvolvimento histórico, a possibilidade do conhecimento de Deus através de sua revelação e os magníficos atributos divinos, e, após breve análise do contexto atual, enfatizada a primazia do conhecimento de Deus na teologia e seu impacto na vida diária e na cosmovisão. Esta análise explorará como o verdadeiro conhecimento de Deus, obtido através da compreensão de sua doutrina e atributos conforme revelados em sua Palavra, capacita o cristão a viver uma vida marcada por profunda piedade, admiração e adoração, e como esses elementos essenciais se manifestam na vida daqueles que se aproximam do Senhor, buscando conhecê-lo e torná-lo conhecido.

Palavras-chave: Doutrina de Deus. Teologia. Atributos de Deus.

ABSTRACT

The knowledge of God, both in his transcendence and immanence, despite often being underestimated in the contemporary church, has the power to reshape affections and perspectives, profoundly altering all kinds of relationships, as evidenced in the life of the christian through genuine practice of piety. Under this hypothesis, this study aimed to highlight the importance of the doctrine of God for a solid theological construction and for cultivating a pious life grounded in the divine character. Through the review of relevant literature and analysis of the sacred scriptures, the reaffirmation of the concept of sound doctrine as something biblical, desirable, and indispensable for the christian faith was carried out, presenting the foundations of theology, highlighting its historical development, the possibility of knowledge of God through His revelation, and the magnificent divine attributes. Following a brief analysis of the current context, the primacy of the knowledge of God in theology and its impact on daily life and worldview was emphasized. This analysis explores how true knowledge of God, obtained through understanding his doctrine and attributes as revealed in his Word, enables christians to live a life marked by deep piety, admiration, and worship, and how these essential elements manifest in the lives of those who draw near to the Lord, seeking to know him and make him known.

Keywords: Doctrine of God. Theology. Attributes of God.

¹ Especialista em Teologia pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia - FATEBE. Contato: vinibmac@gmail.com

² Doutor em Teologia pela PUC-RIO; Mestre em Teologia pela FABAPAR; Pós-Graduado em Liderança Pastoral pela FTSA; Graduado em Docência e em Liderança Avançada pelo HAGGAI; Bacharel em Teologia e Bacharel em Administração. Professor na PUC-PR, UNINTER, FATEBE, CTPI e FATEVE. Contato: josimaber.rezende@pucpr.br

INTRODUÇÃO

Assim como outras verdades, tidas como concretas em outras épocas, o conceito da existência e agência do Deus dos cristãos tem sido amplamente relativizado, e até menosprezado na sociedade contemporânea. A expansão de ideais agnósticos e ateus, e o crescente posicionamento da experiência humana no centro de toda realidade, distanciam paulatinamente as novas gerações de buscarem sua plena satisfação na revelação do divino.

Em se tratar do ambiente religioso, as comunidades da fé cristã, influenciadas pelo pensamento que as cerca, cada dia mais seguem os trilhos de uma crença esvaziada de fundamentos, que torna Deus um mero expectador da criação (e.g. deísmo), e que se importa apenas com o “sentir-se em paz” enquanto mantém suas programações semanais e interações sociais.

Neste ínterim de pouca profundidade espiritual e teológica, é urgente que a igreja identifique aquelas áreas mais essenciais e dedique-se no crescimento da comunidade. E não há área mais essencial do que o Ser de Deus em sua essência, personalidade e atributos. Para John Piper (2019, p.9), não há nenhum fato mais fundamental, básico e definitivo do que a realidade absoluta da existência soberana de Deus. “A igreja não pode existir sem a compreensão de quem Cristo é, e, por implicação, de quem Deus é” (TRUEMAN, 2012, p.109).

Há em vigência um pensamento bastante frequente na fala de muitas comunidades cristãs, que enfatiza uma acirrada inimizade entre doutrina e prática. A crença comum é que há pouca, ou nenhuma relação entre o que se acredita teologicamente (dogmas, confissões, etc.), e o que se vive no cotidiano. E isto ganha ainda mais expressão em doutrinas de cunho mais transcendente e contemplativo, como a teontologia (o estudo do ser de Deus).

Em adição, mesmo em ambientes que estimam e incentivam o aprofundamento teológico-doutrinário, o tema da doutrina de Deus vem sendo negligenciado, como se esta fosse uma doutrina de pouco impacto, menor ou secundária. Em épocas de pós-verdade e relativização, esta problemática apenas pavimenta o caminho para a expansão de uma fé cristã cada vez mais moralista, aproximada do teísmo, e voltada apenas para uma satisfação emocionada superficial, ou para um ativismo desarraigado dos fundamentos do evangelho.

Este trabalho tem como seu objetivo colaborar na ênfase e recuperação do papel essencial da doutrina de Deus no desenvolvimento da cosmovisão do fiel, tanto em sua leitura e construção filosófico-teológica, quanto nas dinâmicas internas e externas de seu relacionamento com a realidade a sua volta.

Com o desenvolvimento deste estudo, foi possível realçar a premência e atualidade da doutrina de Deus, bem como os impactos que tal doutrina na vida de cristãos legítimos, auxiliando na recuperação do primor do conhecimento de Deus para quaisquer realizações teológicas, sociais e eclesiais empregadas por comunidades de fé e instituições de ensino congêneres.

De modo a viabilizar o cumprimento do objetivo geral, a realização deste trabalho segmenta-se nos seguintes objetivos específicos: Compreender doutrina como algo essencial ao cristianismo, estabelecendo distinções e correlações entre conhecimento meramente intelectual e a assimilação interiorizada das verdades da fé; Definir brevemente os conceitos mais fundamentais e frequentes na tradição cristã em respeito a doutrina de Deus e suas ramificações, através de análise bibliográfica e exegética; Expor as conexões externas e implícitas entre as crenças assimiladas acerca do divino, e as atitudes e cosmovisão do indivíduo em relação a Deus, a si mesmo, e à realidade à sua volta.

Em concordância com o caráter religioso e, em certa medida, subjetivo do tema proposto neste trabalho, os métodos para sua realização se detiveram à pesquisa e revisão bibliográfica, cruzando fontes relevantes no que se refere à doutrina de Deus e às implicações práticas da fé, e à exegese e interpretação das Escrituras Sagradas, conforme necessidade de maiores aplicações do texto bíblico.

A hipótese apresentada por este trabalho relaciona-se à ideia de que há uma íntima relação entre as crenças de um indivíduo a respeito de Deus, e a forma com que este fiel constrói sua leitura de mundo, desenvolve seu pensamento religioso, e lida com a realidade à sua volta e dentro de si. No entanto, apesar desta eminente correlação, a doutrina de Deus (teontologia) tem sido insuficientemente valorizada, desenvolvida e integrada na vivência cristã comunitária e individual, sendo fator impulsionador da superficialidade da igreja contemporânea em seu relacionamento com a realidade de Deus e as necessidades do próximo.

1 O SIGNIFICADO E A IMPORTÂNCIA DA SÃ DOCTRINA

Antes que qualquer desenvolvimento a respeito das implicações práticas e epistemológicas da doutrina de Deus seja feito, é necessário primeiro retornar às definições mais fundamentais do que de fato é doutrina, qual o seu valor, e o que poderia ser classificado como doutrina saudável. Isto se dá, especialmente, devido ao cenário anti-doutrinário que tem se multiplicado no pensamento contemporâneo, e obtido força exponencial dentro do ambiente evangelical (CAMPOS, 2002, p.12).

Atualmente, não é incomum perceber um sentimento de revolta em muitos âmbitos da sociedade quando verdades fundamentais e objetivas são defendidas. A mera noção de que a interpretação individual, experimentada e subjetiva possa não ser a maior autoridade na obtenção de verdade é ofensiva a muitos ouvidos, e pode gerar as mais animalescas reações no mundo pós-moderno. Esse fenômeno é ainda mais pronunciado quando se trata de doutrinas religiosas. Carl Trueman, teólogo e professor de História da Igreja do *Westminster Theological Seminary*, identifica razões plausíveis para essa resistência:

A promessa da ciência rumo ao futuro; a tecnologia que privilegia os jovens; o paraíso materialista oferecido pelo consumismo, sempre bem próximo; a morte da confiança nas palavras; a fragmentação da natureza humana; a desconfiança das estruturas tradicionais e das noções de autoridade; e os resultados perversos de dizer que alguma pessoa está errada e não pertence ao grupo. Tudo isso torna, de diferentes maneiras, o conceito do cristianismo doutrinário, expresso em credos e confissões, implausível e desagradável; mas tudo isso faz parte do ar cultural que todos respiramos. (TRUEMAN, 2012, p.51)

Como mencionado anteriormente, esse sentimento não está restrito ao ambiente não-eclesiástico, mas está se disseminando também no seio da igreja cristã. Somado ao ar cultural pós-moderno, e por ventura dos numerosos abusos doutrinários realizados por toda a história do cristianismo, muitos adeptos da fé passaram a perceber doutrina como algo necessariamente enfadonho, irrelevante, desespiritualizado, e enfraquecedor da vida e do amor. Contudo, estas percepções estão mais relacionadas aos atributos de quem erroneamente emprega doutrina, do que à doutrina em si mesma. É intrínseco ao ser humano possuir um sistema de crenças, e logo, não há alternativa para doutrina (VANHOZZER, 2015, p.92).

Uma vez que todo ser humano é um ser doutrinário, e que as reações negativas à realidade da doutrina se originam em sua aplicação inadequada e ao

relativismo do pensamento vigente, faz-se essencial definir: o que é doutrina a nível bíblico e teológico; e qual o seu valor quando bem conhecida, assimilada e aplicada.

1.1 Definições e importância da Doutrina nas Escrituras

A palavra latina *doctrina*, em suas formas hebraica – *מוֹרָה, הִלְכוּת* – e grega – *διδασκαλία, διδαχή*, aparece na Bíblia pouco mais de cinquenta vezes, constantemente com o sentido de: aquilo que é ensinado; instrução; ensinamento. Sua frequência maior se dá no Novo Testamento (quarenta e oito vezes), aparecendo em todas suas divisões (GINGRICH, 1984, p.56).

No que se refere ao uso da palavra *doutrina* em relação a Jesus e sua obra, pode-se afirmar não apenas que Cristo valorizava divinamente o seu próprio ensino (Jo 7.16), mas que as pessoas que o ouviam e presenciavam seu ministério ficavam maravilhadas com sua doutrina (Mt 7.28; Mt 22.33; Mc 1.22; Mc 1.27; Mc 11.18; Lc 4.32). Além disso, sua preocupação com ensinamentos deturpados é constante, apontando não só à sua aversão aos falsos mestres, mas também ao seu desejo que a boa doutrina fosse conhecida e praticada (Mt 15.9; Mt 7.24; Mc 7.7; Jo 7.17).

Na continuidade dos Evangelhos, percebe-se que os discípulos de Jesus, que ouviram toda sua doutrina, e presenciaram sua vida, morte, ressurreição, e ascensão, seguiram proclamando seus ensinamentos, e passando adiante, de geração em geração, o que lhes fora anunciado (Jo 18.19-20; At 2.42; At 5.28). E foi este apego à doutrina de Cristo que os colocou sob intensa perseguição e martírio.

O uso da palavra grega *διδασκαλία* é ainda mais presente nas Epístolas paulinas. Dentre muitos destaques, Paulo aponta para a necessidade de dedicação à doutrina (Rm 12.7; Ef 4.14); para a leitura, exortação e ensino perseverantes (1Tm 4.13); para a honra àqueles que ensinam (1Tm 5.17); para o ensino como parte do culto edificante (1Co 14.26). O apóstolo até declara que: “Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino (*διδασκαλία*) foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança” (Rm 15.4, NAA – *grifo do autor*).

Não obstante a presença prolífica de doutrina nas Escrituras, seu papel nunca aparece desvencilhado de uma prática de fé piedosa e misericordiosa. Assim como Jesus e os apóstolos alertaram a respeito dos mestres hipócritas, também há o lembrete, em inúmeras passagens, a respeito da validação da doutrina através do testemunho e vivência cristãos. Paulo não apenas elogia a doutrina seguida por Timóteo, mas também seu modo de viver (2Tm 3.10-11). Para Tito, pede que

demonstre “incorruptão, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível” em seus ensinamentos (Tt 2.7-8, NAA). Em outro lugar ainda, o apóstolo diz que:

Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, perversas contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais (1Tm 6.3-5, NAA).

Em último lugar, destaca-se ainda os alertas dados pelo apóstolo João, tanto em sua segunda epístola, quanto no livro do Apocalipse, a respeito daqueles que não permanecem na doutrina de Cristo, ou que agregam à sã doutrina ideias demoníacas e humanas, que em nada cooperam com o avanço do reino de Deus (2Jo 1.9-11; Ap 2.12-16; Ap 2.18-25). Mesmo em meio à fé perseverante da Igreja de Pérgamo, e às muitas obras de amor de Tiatira, seu chamado final é que se arrependam urgentemente e voltem-se ao puro ensino do Senhor Jesus Cristo.

É seguro afirmar então, após as colocações acima, que a doutrina transformadora de Cristo – que não apenas abarca as verdades reveladas acerca do plano divino, mas também transborda em vivência piedosa – é profundamente enraizada, confirmada e incentivada pelas Escrituras. Logo, a responsabilidade de todo cristão deve ser imitar a fé e a maneira de viver dos apóstolos, proclamando em seu ensino que Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

1.2 Definições Teológicas de Doutrina

Em defesa da reflexão teológica, e compreendendo o papel fundamental da doutrina, Karl Barth (1996, p.9) afirma que, em certo sentido, “não há religião, filosofia, cosmovisão que, quer seja profunda, quer seja superficial, não se relacione com alguma divindade, interpretada e circunscrita dessa ou daquela forma”. Neste caso, combater doutrina – verdade religiosa – como algo intrinsecamente ruim faz tanto sentido quanto ser contrário ao discurso, à expressão artística, ou a qualquer outro componente intrínseco à observação e expressão individual da realidade.

Antes de apresentar definições teológicas da doutrina cristã e de suas implicações, com o intuito de prevenir uma confusão frequentemente observada no meio evangelical, há de se destacar, ainda que brevemente, a distinção entre dogma, doutrina, e usos e costumes. Segundo Louis Berkhof (1992, p.18), enquanto

doutrina, no sentido teológico, pode ser tida como a expressão de uma verdade religiosa, dogmas são formulações a respeito de uma verdade religiosa, adotadas por autoridade eclesial por meio de qualquer tipo de assembleia. Ou seja, dogmas são doutrinas propostas pela igreja para o desenvolvimento saudável de uma comunidade de fé. Em linha similar, usos e costumes são práticas cotidianas consideradas pela autoridade eclesial como piedosas, mesmo que não atreladas diretamente à uma doutrina específica.

Aprofundando o conceito da natureza da doutrina cristã, Millard Erickson (2015, p.49) aponta que a doutrina sobretudo é cognitiva e descritiva, auxiliando a humanidade a compreender, mesmo que em parte, questões como a natureza de Deus, sua relação com a criação, a natureza do homem, etc. Em adição a este foco principal, ela também expressa a experiência do crente, serve como diretriz para a atividade das comunidades que a adotam, e interpreta didaticamente o drama redentivo das Escrituras.

Vale ressaltar, juntamente com Alister McGrath (2015, p.15), que “a causa que deu origem à fé cristã e à doutrina cristã foi e é um homem chamado Jesus”, e que “a história de Jesus de Nazaré foi, e continua sendo, a prova de fogo das possibilidades doutrinárias cristãs, o paradigma controlador das potencialidades conceituais”. Não há desenvolvimento eclesial ou intelectual, por mais lógico e bem-intencionado que seja, que possa fugir do crivo cristocêntrico das Escrituras. Qualquer formulação que ofenda o evangelho, ou entre em divergência com a prática e ensino de Cristo, deve ser corrigida, repreendida, e exortada com toda paciência e doutrina (2Tm 4.2, NAA).

1.3 O Valor da Doutrina Saudável

A dedicação à sã doutrina, isto é, aquela que segue o ensino de Cristo e transborda em sua prática cotidiana, além de ser ordenada pelas Escrituras e ser grande auxiliadora na interpretação bíblica, possui diversos outros benefícios na vida do cristão. Não somente ela evita danos de ordem espiritual, mas também promove o bem-estar e a edificação do corpo de Cristo. A respeito dos benefícios listados, Kevin Vanhoozer propõe seis teses resumidas da ação da doutrina na vida do cristão:

A doutrina nos diz quem é Deus e o que ele está fazendo em Cristo... nos diz quem e o que somos em Jesus Cristo... traz os pecadores de volta à razão... fornece uma estrutura intelectual confiável para entender Deus, [...]

[...] o mundo e nós mesmos... instrui a cabeça, orienta o coração e dirige as mãos... orienta a igreja no caminho da sabedoria, da piedade e da prosperidade humana (VANHOZER, 2015, p.115).

Na compreensão da igreja como um corpo em constante edificação, pensar em um modelo de crescimento alheio à doutrina, descaracteriza (e possivelmente, distorce) a principal verdade defendida pelos crentes – o evangelho, e esvazia o ministério de propósito e sustento espiritual. Além de ser a geradora da cristandade, através da ação do Espírito Santo, a doutrina “salvaguarda sua identidade e a distingue de suas alternativas sociais e intelectuais. Portanto, pode-se dizer que a doutrina gera, sustenta e demarca uma comunidade de fé” (MCGRATH, 2015, p.99).

Mais uma vez, é válido apontar para a qualidade salutar da doutrina. O objetivo nesta seção não é afirmar que todo tipo de doutrina é suficiente ou transformador. Há uma evidente distinção entre um apanhado de opiniões acerca de questões religiosas, e a doutrina sadia e piedosa, que se revela através da convicção e atitude daqueles que nela creem. Em concordância com isto, em sua obra acerca das afeições religiosas, Jonathan Edwards (2018, p.194) separa aqueles que opinam sobre questões da fé assim como opinam sobre especulações duvidosas, daqueles que de fato entendem a verdade do evangelho porque tiveram seus olhos graciosamente abertos, destacando que “as afeições verdadeiramente oriundas da graça são acompanhadas da convicção e persuasão da verdade das coisas do evangelho e da percepção de quanto elas são evidentes e reais”.

Ao discorrer sobre aquilo que as verdades da teologia cristã devem produzir no crente, Karl Barth (1996, pp.43-68) traz luz a quatro aspectos fundamentais. Primeiramente, deve-se haver admiração com o aspecto milagroso, transcendente, e não coordenável da fé cristã. O conhecimento e reconhecimento de Deus deve render o crente ao único que é verdadeira e infinitamente admirável. Em segundo lugar, a vida daquele que crê deve ser completamente abalada pela novidade da revelação divina. Seus interesses, posturas e desejos devem ser moldados na realidade de um Deus que o torna participante do drama cósmico da redenção. Após ter se admirado, e ter sua vida abalada pela verdadeira e sã doutrina de Cristo, o cristão é levado ao comprometimento com suas verdades. O indivíduo agora é comprometido a encontrar seu contentamento no conhecimento do Senhor através de sua obra e Palavra, e proclamar tal conhecimento.

Em quarto e último lugar, Karl Barth cita o retorno à fé. Em suas próprias palavras, neste último evento:

O objeto da teologia chega a tomar conta de uma pessoa qualquer, a deixá-la de tal modo admirada, abalada e comprometida que ela de fato pode viver, pesquisar, pensar e falar como teólogo, a existir como teólogo. Esse evento é a fé: o pouquinho de fé desse homem seguramente muito pequeno. (Id., p.64).

Em síntese, a doutrina cristã realmente se revela quando: leva o indivíduo à admiração; abala sua vida integralmente; o torna comprometido com as verdades divinas; e de fato, traz o indivíduo à pureza da fé. Sua validação na vida do cristão se faz evidente através de profunda convicção, e de uma vivência piedosa, misericordiosa e mansa. Estas qualidades unidas no crente, e em sua comunidade de fé, se tornam os mais belos ornamentos da doutrina do Deus salvador (Tt 2.10).

2 FUNDAMENTOS DA DOCTRINA DE DEUS

Tendo sido exposta a essencialidade da doutrina para crença cristã, bem como distinguidos o mero conhecimento doutrinário intelectual e a verdadeira assimilação das verdades divinas, cabe agora destinar espaço para definir aquilo que há de mais basilar acerca da doutrina de Deus na tradição do cristianismo. As definições aqui apresentadas não se arrogam como exaustivas, mas em sua concisão, são competentes para a discussão objetivada neste trabalho.

2.1 O conhecimento de Deus

A Teontologia, ou doutrina de Deus, pode ser definida como o conhecimento, ou estudo, de Deus em sua natureza e seus atributos. Em sua essência, não deveria ser nem a imposição especulativa além do que Deus tenha revelado sobre si, nem um salto místico sobre indefinições ontológicas, mas sim, como um meio de se alcançar uma compreensão bíblica mais acurada de Deus, e por consequência, um relacionamento mais próximo dele (ERICKSON, 2015, p.255).

Por ter seu objeto de estudo o ser de Deus, e este, sendo eterno e infinito⁴, não possa ser manipulado pelos homens em sua própria razão, pressupõe-se que

⁴ A abordagem acerca da infinidade e eternidade divinas adotada por este trabalho segue a proposta de Louis Berkhof (2012, p.59), que trata a primeira como a perfeição de Deus que o isenta de quaisquer limites, e a segunda, como sendo a aplicação de sua infinidade em relação ao tempo.

aquilo que pode ser “acomodado” e “compreendido” só pode ser assim feito porque o próprio ser divino decidiu assim revelar-se à sua criação. Emil Brunner (2005, p.207) expande, dizendo que “nada podemos com o Deus incognoscível e misterioso até que o encontremos em Sua revelação”. Millard Erickson (op.cit., p.255) confirma, ao dizer que “como Deus é infinito e os seres humanos são finitos, se estes quiserem conhecer a Deus, tal conhecimento deverá ocorrer pela iniciativa do próprio Deus em se revelar”.

Em razão de o próprio Deus triúno ter se revelado no drama da redenção retratado nas Escrituras, se abrindo para ser conhecido pelos homens e desvelando o que outrora era mistério, é possível conjecturar sobre sua natureza e atributos com relativa certeza acerca daquilo que o próprio Senhor decidiu tornar público (FRANCESCO, 2022, p.106). Por mais limitadas, finitas, e fragmentadas que as verdades concedidas por Deus aos homens possam ser, sua revelação de si mesmo, especialmente em e por meio de Cristo, continua a ser exata e suficientemente aquilo que todo coração precisa (BAVINCK, 2021, p.180).

Conforme João Calvino (2022 p.109), este conhecimento, que “claramente se evidencia na estrutura do universo e em todas as criaturas, e, contudo, sobre outro aspecto, se revela ainda mais íntima e vividamente na Palavra” tem como seu objetivo primeiro o convite ao temor a Deus, seguido para a confiança nele, que ensina o cristão a cultuá-lo com perfeita inocência, obedecê-lo sinceramente, e ser totalmente dependente de sua bondade. Acerca disto, A.W. Pink resume:

O fundamento de todo conhecimento verdadeiro de Deus só pode ser a clara compreensão mental de Suas perfeições, segundo revelam as Escrituras Sagradas. Não nos é possível servir nem adorar a um Deus desconhecido, nem depositar nEle a nossa confiança (PINK, 1985, p.4).

Logo, assim como defendido no tópico anterior, não é um conhecimento meramente memorizado, ou intelectual, mas uma internalização e apropriação de verdades profundas reveladas pelo e acerca do próprio Deus, que são evidenciadas na renovação da mente em temor e segurança.

2.2 Breve histórico da Teontologia

A origem das discussões acerca do ser divino em sua interpretação cristã data-se já nos séculos iniciais do cristianismo. Apesar de não haver registros de uma

sistematização teológica nos moldes dos milênios posteriores, o aparecimento do movimento gnóstico, dentre outras controvérsias, impeliu a igreja a desenvolver doutrinariamente sua fé, frisando o seu elemento intelectual, e resguardando das especulações mitológicas dos gnósticos, a verdade do Deus bíblico como ser supremo, trino, criador e sustentador do universo. Destacam-se, nesta gênese da teologia, as defesas de Irineu (130~202) contra o gnosticismo, os avanços trinitários de Tertuliano (160~220), e as elaborações de Orígenes (185~253) sobre a transcendência do ser divino (BERKHOF, 1992, pp.47-66).

Em meio aos avanços mais importantes nos primórdios da teologia do ser de Deus, é necessário ainda dar destaque para Agostinho (354~430), com seu enfoque na soberania de Deus e desenvolvimentos acerca da Teodicéia; Anselmo (1103~1109) e seu argumento ontológico da existência divina; e Tomás de Aquino (1225~1274), e sua conceptualização da providência divina, e da natureza e atributos de Deus. Estas contribuições doutrinárias, em especial as agostinianas, serviram de fundamento para os movimentos de Reforma, no Século XVI, e ainda são tidas como pontos nevrálgicos para quaisquer desenvolvimentos acerca da doutrina de Deus na atualidade. Fica aqui, ainda menção aos caminhos tomados pela teologia liberal e neo-ortodoxia, na tentativa de aprofundar a compreensão da personalidade de Deus sob a luz do existencialismo, e concatená-la de forma teológica e filosófica à sua transcendência (OLSON, 2001, pp.260-340).

2.3 Os atributos de Deus

Conforme Heber Carlos de Campos (2002, p.165), boa parte das asserções da doutrina de Deus podem ser contidas na observação dos atributos divinos, isto é, nas qualidades, propriedades, virtudes ou perfeições de Deus, conforme aquilo que foi revelado nas Sagradas Escrituras. John Frame resume atributo como:

...um conceito expresso por um adjetivo (como eterno) ou por um substantivo (como eternidade), usado para descrever uma pessoa ou uma coisa. A Bíblia usa muitos desses termos como amor, justiça, santidade, [...] [...] graça, conhecimento, verdade e eternidade, para descrever Deus; há outros não mencionados especificamente nas Escrituras (como simplicidade, imensidade, asseidade e personalidade) que podem ser deduzidos do ensino bíblico (FRAME, 2019, p.297).

Estes atributos têm sido divididos e listados desde muito cedo na história da igreja, no intuito de, ao considerar toda a revelação das Escrituras, manter-se tanto

seu caráter transcendente, quanto seu relacionamento com a criatura (imanência). (BAVINCK, 2021, p.180). A divisão mais comum dos atributos de Deus em categorias, como Millard Erickson (2015, p.257) aponta, se dá utilizando a nomenclatura ‘atributos incomunicáveis’ e ‘atributos comunicáveis’, referindo os primeiros àquelas qualidades singulares de Deus, não compartilhadas com os seres humanos, e os segundos, às características divinas em que ao menos uma correlação parcial possa ser observada em suas criaturas.

Há ainda outras categorizações dos atributos divinos menos utilizadas, como: qualidades intransitivas e transitivas; absolutas e relativas; naturais e morais; etc. Contudo, é importante salientar que os atributos divinos são separáveis apenas didaticamente. De alguma forma misteriosa, estes são atrelados à própria essência de Deus, inerentes à sua própria natureza, intrínsecos e inseparáveis, não podendo ser adquiridos ou perdidos. Isto é, Deus é seu amor, santidade, pureza, de eternidade a eternidade, sem quaisquer adesões ou subtrações.

Ao considerar as qualidades transcendentais de Deus, que o diferem absolutamente de sua criação (incomunicáveis), pode-se listar: asseidade; simplicidade; onipresença; infinidade e eternidade, imutabilidade, impassibilidade. Estas, afirmam Deus como não contingente à sua própria criação, seja em espaço, tempo, ou qualquer outra grandeza realizada por ele, nem podendo sofrer divisões, mudanças, variações, ou ser vencido por paixões (FRANCESCO, 2022, p.122).

Deus, como revelado na Bíblia, é infinito e eterno em seu ser, poder, e majestade, sendo soberano sobre todas as coisas, por ser infinitamente mais elevado e distinto de tudo que há. Acerca disto, A.W. Tozer amplia:

Deus permanece eternamente apartado e inacessível em luz. Ele está tão acima do arcanjo quanto da lagarta, pois a distância entre o arcanjo e a lagarta é finita, enquanto aquela entre Deus e o arcanjo é infinita. A lagarta e o arcanjo, ainda que distantes entre si na escala das criaturas, têm em comum o fato de ambos terem sido criados. Pertencem ambos à categoria daquilo que não é Deus e estão infinitamente distantes do Altíssimo (TOZER, 2018, p.145).

Todavia, apesar de Deus em sua eternidade e existência superior ser o “totalmente outro”, como afirmado por Karl Barth (2008, p.187), ele segue ainda sendo imanente e próximo de suas criaturas. Em sua sublime majestade, é Deus de longe e de perto, infinitamente supremo sobre a criação, e, ao mesmo tempo, intimamente envolvido com ela. E este envolvimento se expressa também na forma

de atributos compartilhados (ou comunicados), ainda que parcialmente, com os portadores de sua imagem e semelhança.

Se a lista de atributos incomunicáveis já não poderia ser tida como exaustiva, visto que as categorias utilizadas são limitadas àquilo que foi revelado e às capacidades inferiores de compreensão dos homens ao observarem Deus, a análise minuciosa dos atributos comunicáveis segue como um desafio ainda maior. De forma análoga às características peculiares dos seres humanos, porém com qualidade irrestritamente superior, Deus manifesta suas perfeições à semelhança daquilo que a humanidade já está acostumada, sendo alguns dos seus atributos mais frequentes nas Escrituras: a sabedoria e o conhecimento de Deus; seu poder; sua santidade; sua bondade; a retidão e justiça de Deus; sua veracidade; sua beleza; e seu amor. (FRANCESCO, 2022, pp.116-121). Novamente destaca-se que Deus não apenas pratica estas coisas, mas é todas elas, simultânea e infinitamente, em sua essência.

Em virtude da brevidade deste trabalho, desenvolvimentos acerca dos debates ontológicos da existência de Deus, da providência divina, e sobre a prolongada controvérsia trinitariana foram deixadas como sugestão para trabalhos futuros. Para esta obra, além das apresentações acerca do conhecimento de Deus e seus atributos (acima), foi tido como suficiente e adequado adotar os seguintes pressupostos: que Deus é um só Deus, em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28.19); que este mesmo Deus existe, de eternidade a eternidade (SI 90.2); e que ele é criador, sustentador e Senhor de todo o universo (CI 1.15-17).

3 A APLICABILIDADE DA DOCTRINA DE DEUS

Através da apresentação dos tópicos anteriores é possível perceber a essencialidade e biblicidade da doutrina saudável para a fé cristã, além de compreender as bases da teontologia e seu desenvolvimento na história. Resta agora, a demonstração de algumas justificativas para a primordialidade da doutrina de Deus sobre tantas outras doutrinas e áreas do conhecimento teológico, que tornam esta doutrina não apenas essencial para o desenvolvimento do pensamento teológico, como também uma força motriz para uma vida de piedade cristã.

3.1 O cenário atual

A.W. Tozer (2018, p.15) afirmou, já na década de 60, que “o primeiro passo de uma igreja em declínio consiste em abandonar sua opinião elevada sobre Deus”, como que um prenúncio do que a igreja cristã viveria no século XXI. Triste realidade é saber que em poucas décadas, uma boa parcela dos evangélicos se distanciaria da busca pelo conhecimento de Deus, enamorando-se por uma espiritualidade sincrética, esvaziada de sentido, materialista, sobre tudo, egocêntrica.

Falando em termos gerais acerca do pensamento contemporâneo, muitas pessoas têm apenas uma vaga ideia de quem o cristianismo afirma ser Deus, imaginando-o como um ser distante, genérico e indiferente àquilo que acontece na terra, caindo em uma espécie de deísmo. Outros ainda, no intuito de aproximar Deus de sua criação, tendem a interpretá-lo de modo análogo ao panteísmo, afirmando que Deus é tudo, e tudo é Deus, misturando o divino com a criatura a ponto de perder sua pessoalidade, e caindo também na generalização do sagrado. (WRIGHT, 2008, p.71).

O cenário na igreja cristã, de certa forma, assemelha-se à cultura corrente. J.I. Packer (2005, p.4) destaca duas tendências infelizes do cristianismo na atualidade que corroboram para esta semelhança. A primeira se refere à adequação da mentalidade cristã ao espírito moderno de menosprezo ao transcendente. Já não há espaço para discussões acerca daquilo que é eterno, infinito, imutável. Apenas as “grandes ideias humanas” e seus resultados merecem voz. Uma parcela significativa da igreja corrente, ao invés de trazer à lembrança do mundo a única realidade que pode trazer esperança, prefere deixar Deus à uma distância segura.

A segunda tendência que direciona a igreja para a ignorância sobre Deus se dá na confusão da mentalidade cristã decorrente dos frutos do ceticismo moderno. Partindo da negação do controle soberano do Senhor sobre sua criação, a teologia, filosofia e ciência modernas passaram a desconstruir os fatos fundamentais da fé. Tudo aquilo que não mantenha um fino ajuste com os conhecimentos científicos da época é considerado no máximo, narrativas fantásticas a respeito da moralidade. Deus deixa de ser considerado em seu alto e sublime trono, e passa a se tornar apenas parte da psique humana (ibid.). Pode-se ainda adicionar os impactos pós-modernos do relativismo e nihilismo, que com sua defesa da não-existência de verdades absolutas ou de propósitos eternos, minaram ainda mais as conexões entre um Deus infinito e transcendente, e ainda assim, real e próximo dos homens.

O resultado destes movimentos no pensamento cristão se evidencia no declínio do desejo por conhecer a Deus dentre os evangélicos. Em sua análise histórica, Mark Galli (2021, p.36) destaca que, ainda que este desejo possa ser encontrado dentre o movimento evangélico atual, ele já não é mais algo que o caracterize, como no passado. Apesar de bem-intencionados na busca por boas ações para Deus, a fé evangélica contemporânea parece estar cada vez mais desinteressada e “independente” dele.

Em consonância com o denotado por Paul Tripp (2023, p.67), a igreja hoje vive os impactos de cultivar uma teologia que dimensiona Deus para tamanhos administráveis, permitindo com que a capacidade humana limitada de conceber a Deus restringisse sua teologia. Logo, a consistência de seu ensino e relevância de seu ministério acabam sendo comprometidas pela aceitação da mentalidade vigente.

3.2 O valor da doutrina de Deus para a construção teológica

Todo pensamento e discussão acerca das coisas divinas e transcendentais necessariamente ancora seus fundamentos naquilo que compreende-se como seu objeto de adoração, isto é, como seu Deus. Seja no desenvolvimento do cristianismo, ou em meio ao ideário de outras religiões, nenhum conceito é mais basilar e matricial do que aquilo que é tido como realidade a respeito do divino. Se aquilo que há de mais importante a respeito do homem é aquilo que vem à sua mente ao pensar em Deus, faz sentido que nenhuma religião jamais tenha sido maior do que seu conceito de Deus (TOZER, 2018, p.11).

Ao se observar exclusivamente a fé cristã, nota-se esta relação entre noção do divino e desenvolvimento doutrinário com ainda mais evidência. Todas doutrinas são associadas às concepções tidas a respeito de Deus. Por exemplo, pode-se apontar que não há como discorrer sobre soterologia sem o conhecimento prévio da santidade, amor e justiça de Deus. Também não há como trabalhar a doutrina da criação, sem noções da autossuficiência, onipotência e eternidade divinas. Até mesmo áreas mais práticas, como a eclesiologia e suas discussões acerca da missão da igreja, se esvaziam de sentido se analisadas à parte dos atributos de misericórdia, graça e bondade de Deus. O que é sabido sobre Deus fundamenta o desenvolvimento doutrinário no cristianismo, e também determina todos os outros relacionamentos nos vários campos da teologia (CAMPOS, 2002, p.13).

Charles Spurgeon, em seu sermão sobre Malaquias 3:6 intitulado “A

Imutabilidade de Deus”, assegura:

O estudo mais adequado de um cristão é a divindade. A ciência mais elevada, a especulação mais sublime, a filosofia mais poderosa, que [...] [...] pode envolver a atenção de um filho de Deus, é o nome, a natureza, a pessoa, a obra, os feitos e a existência do grande Deus a quem ele chama de Pai. (SPURGEON, 1855)

No texto bíblico, a preeminência do conhecimento de Deus como alvo mais elevado do homem tem seu lugar de destaque. A vida eterna é tida por Jesus como: conhecer ao único Deus verdadeiro e ao Cristo que ele enviou (Jo 17.3). A glória do homem é resumida em compreender o Senhor e conhecê-lo (Jr 9.23-24). Juntamente com a misericórdia, o conhecimento de Deus é considerado pelo próprio Yahweh como mais agradável que sacrifícios e holocaustos (Os 6.6). Sem contar as inúmeras expressões de exaltação e contrição (doxologia), como Salmo 139.6 e Romanos 11.33, exclamadas em momentos de contemplação da bondade e grandeza divinas. Na observação de tais trechos, o objetivo mais alto e mais estimulante, que mais prende a imaginação e conserva a fidelidade do crente, se torna nítido. Isto é: conhecer a Deus (PACKER, 2005, p.26).

Todo pensamento, filosofia ou desenvolvimento teológico, terá como ponto de partida, direta ou indiretamente, aquilo que é compreendido acerca do ser de Deus e seus atributos. Uma concepção correta acerca de Deus é crucial tanto para a sistematização teológica, quanto para a vida prática cristã, sendo uma tarefa árdua encontrar algum erro doutrinário ou falha de aplicação da ética cristã que não se origine em compreensões equivocadas do caráter divino (TOZER, 2018, p.13). Segundo Jean Francesco (2022, p.33), a verdade é que, entendendo o envolvimento com a doutrina de Deus de forma saudável, participativa e assimilada, esta, ao aprofundar e corrigir as informações do cristão a respeito de Deus, o equipa para amá-lo e determina seu amor por ele. Quanto mais verdadeiramente se sabe a respeito de Deus, mais preparado se está para amá-lo e correspondê-lo corretamente.

3.3 Os impactos da doutrina de Deus na vivência cristã

Todo aspecto da vida, seja prático ou teórico, físico ou espiritual, objetivo ou subjetivo, é inevitavelmente tocado pela interpretação e realização segundo a doutrina de Deus. Mesmo no que há de mais cotidiano como rotinas profissionais,

hábitos alimentares, organização financeira, tudo o que é vivido tem seu direcionamento e compreensão influenciados pela forma com que se crê a respeito de quem Deus é, e sobre como ele se relaciona com sua criação. Paul Tripp amplia:

Não existe um sistema filosófico, científico, psicológico, político, sociológico, educacional ou de entretenimento que não seja moldado pelo fato de alguém acreditar ou não que Deus existe ou pelo que pensa sobre quem ele é. A maneira como você lida com seus filhos, seu cônjuge, seu vizinho, seus colegas de trabalho, seu chefe, seus pais, suas tarefas diárias, as alegrias e decepções da vida, suas finanças, seu corpo, sua sexualidade, sua educação, sua identidade, seu significado e propósito, a vida e a morte será, de alguma forma, moldada pela visão que você tem de Deus (TRIPP, *ibid.*, p.75)

A medida em que Deus for verdadeiramente conhecido, tanto em suas características mais naturais e transcendentais, como sua infinitude e espiritualidade, quanto em seus atributos morais e imanentes, como seu amor e sua santidade, o cristão, através da obra do Espírito Santo, tem sua cosmovisão alinhada com as verdades divinas. Seu relacionamento com o Senhor, com o mundo que o rodeia, e com o próximo e a consequência de seus atos, é corrigido por meio do estudo do ser de Deus, e dos atributos que revelam quem ele é (CAMPOS, 2002, p.25).

Se todas as áreas da vida são tangidas, influenciadas e transformadas pelo conhecimento de Deus, então é lógico concluir que não é possível elaborar acerca da doutrina de Deus à parte de uma vida piedosa. Jonathan Edwards (2018, p.160), por exemplo, ao expor sobre os impactos da contemplação das perfeições morais de Deus na vida do crente, afirma que “o amor às coisas divinas por causa da beleza e do deleite de sua excelência moral é o primeiro princípio e origem de todas as afeições piedosas.”

João Calvino (2022, p.48), em similar ideia, defende que não se pode dizer que Deus seja conhecido onde não é encontrada verdadeira religião e piedade. O real conhecimento de Deus, emanado e revelado pelo próprio Senhor, deve levar o cristão a pôr em Deus sua plena felicidade, esperando dele e buscando nele toda sabedoria, luz, justiça, poder, retidão e verdade. Por conhecer seu governo, confia e entrega-se inteiramente à sua proteção. Por compreender Deus como o autor de todo o bem, recorre sempre a ele em toda necessidade. Por convencer-se de sua justiça e misericórdia, posiciona-se em honra e temor, buscando cumprir a sua vontade, repousando na certeza de que ele sempre terá a resposta certa para suas faltas. Por reconhecê-lo como Senhor e Pai, reconhece também sua soberania e

majestade sobre todas as coisas, promovendo sempre a sua glória em obediência, reverência e amor.

J.I. Packer (2005, p.20) lista algumas evidências encontradas naqueles indivíduos que verdadeiramente conhecem a Deus. Estes, são tomados por uma consciência profunda da graciosa fidelidade, majestade santa e perfeição moral do Deus Trino, sendo mantidos humildes, dependentes, respeitosos e obedientes a ele. São também ousados e perseverantes na sua vontade, se posicionando ativamente quando sentem a verdade e a honra de Deus são tacitamente prejudicadas, expressando este zelo primordialmente por meio de uma profunda vida de oração. E por último, encontram paz, alegria e contentamento inigualáveis na certeza de que não apenas conhecem o Senhor, mas de que ele os conhece.

O estudo da doutrina de Deus se justifica mais na expressão prática de devoção e adoração, do que por mero labor teológico. “Quando começamos a perceber a realidade de Deus, nossa reação natural é adorá-lo. Quando isso não acontece, é porque ainda não compreendemos de fato quem ele é e o que tem feito” (WRIGHT, 2008, p.155). Jean Francesco (2022, p.106) corrobora ao defender que os atributos divinos devem ser observados para que a exaltação do Deus trino seja melhorada e embelezada, e o cristão se sinta mais preparado para desfrutar da comunhão com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alvo deste trabalho se deu em evidenciar a essencialidade da doutrina de Deus para uma construção teológica e filosófica saudável, bem como para o desenvolvimento de uma vida de prática piedosa fundamentada no caráter divino. Através da revisão de bibliografia relevante ao tema e exegese das Escrituras Sagradas, foi colocada sob teste a hipótese de que apesar de a teontologia influenciar profundamente todas as áreas do pensamento e toda aplicação prática da ética cristã, esta doutrina tem sido subvalorizada na igreja contemporânea, colaborando para o declínio de sua relevância e enfraquecimento de seu ensino.

Para alcançar o objetivo proposto, primeiramente, foi necessário reassegurar doutrina como sendo algo bíblico, desejável e inescapável para a fé cristã. E que por doutrina saudável, entende-se a verdadeira assimilação e prática de verdades reveladas por Deus, distinguindo-se de um mero conhecer intelectual. Na sequência,

foram brevemente demonstradas as bases da teontologia, dando ênfase ao seu desenvolvimento na história da Igreja, à possibilidade parcial, mas suficiente, do conhecimento de Deus através de seu próprio desejo de revelar-se ao homem, e à majestosa ciência dos atributos de Deus em suas principais categorias e definições. E finalmente, após breve panorama do pensamento cristão contemporâneo, deu-se notoriedade para a primazia do conhecimento de Deus no avanço da teologia e as formas com que esta doutrina afeta o cotidiano e a cosmovisão de todo indivíduo.

Foi possível constatar, ao final da análise proposta, que o ato de verdadeiramente conhecer a Deus, conforme ele mesmo revelou em sua Palavra, prepara o cristão para viver em profunda piedade, admiração, e adoração ao Senhor. Sugere-se, para pesquisas futuras, a exploração de abordagens lúdicas para ensinar a Teontologia no contexto eclesial, e também a investigação histórica da influência desta doutrina na vida de santos homens e mulheres de Deus.

Embora muitas vezes subestimada na igreja contemporânea, a compreensão da natureza divina, tanto em sua transcendência quanto em sua imanência, tem o poder de realinhar afeições e cosmovisões, transformando profundamente todos os tipos de relacionamentos: com Deus, com o próximo e com a criação. O caminho para este aperfeiçoamento da igreja, seguindo a abordagem adotada neste trabalho, vai desde o retorno à correta valorização da doutrina saudável e vivida, passando pelos fundamentos do que a tradição cristã, desde os seus primórdios, crê a respeito do divino, e por último, permitindo que suas práticas e discursos sejam moldados a partir da contemplação de Deus em todo seu ser.

Aqueles que forem tocados por esse conhecimento maravilhoso poderão demonstrar a evidência mais poderosa e valiosa de que a doutrina de Deus foi corretamente buscada, absorvida e vivida: a vivência da verdadeira piedade cristã.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Introdução à Teologia Evangélica**. 5ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**: 1ª parte – capítulos de I à VII. 5ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

BAVINCK, Herman. **As Maravilhas de Deus**: instrução na religião cristã de acordo com a confissão reformada. 1ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BERKHOF, Louis. **A História das Doutrinas Cristãs**. 1ed. São Paulo: Publicações

Evangélicas Seleccionadas, 1992.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NAA**: Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BRUNNER, Emil. Conceito Bíblico de Deus. In: FERREIRA, Julio A. (organizador), **Teologia Sistemática Contemporânea**, 1ed., São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

CALVINO, João. **As Institutas – Volume Único**. 3ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

CAMPOS, Heber C. **O Ser de Deus e os Seus Atributos**. 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

EDWARDS, Jonathan. **Afeições Religiosas**. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.

FRAME, John. **Teologia Sistemática – Vol. 1**. 1ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

FRANCESCO, Jean. **Reformando o Discipulado**: uma introdução à fé cristã. 1ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

GALLI, Mark. **Quando Foi que Começamos a Nos Esquecer de Deus?** raízes da crise evangélica e esperança para o futuro. 1ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2021.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento Grego / Português**. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

MCGRATH, Alister E. **A Gênese da Doutrina**: fundamentos da crítica doutrinária. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

OLSON, Roger E. **História da Teologia Cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. 1ed. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PACKER, James I. **O Conhecimento de Deus**. 2ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

PINK, Arthur W. **Os Atributos de Deus**. 1ed. Porto Alegre: Intertexto Linotipadora, 1985.

PIPER, John. **Surpreendido por Deus**: dez verdades que podem transformar o mundo. 1ed. São Paulo: Editora Fiel, 2019.

SPURGEON, Charles H. **The immutability of God**. Sermão (No.1), baseado em Malaquias 3:6, pregado na New Park Street Chapel (Southwark) em 7 de janeiro de 1855. Disponível em:

https://biblehub.com/sermons/auth/spurgeon/the_immutability_of_god.htm.
Acesso em: 10 de maio, 2024.

TOZER, Aiden W. **O Conhecimento do Santo**. 1ed. São Paulo: Impacto, 2018.

TRUEMAN, Carl R. **O Imperativo Confessional**: dez verdades que podem transformar o mundo. 1ed. Brasília: Editora Monergismo, 2012.

TRIPP, Paul D. **Você acredita?**: 12 doutrinas históricas para mudar sua vida cotidiana. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 2023.

VANHOOZER, Kevin. **A Trindade, as Escrituras, e a Função do Teólogo**: contribuições para uma teologia evangélica. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WRIGHT, Nicholas T. **Simplesmente Cristão**. 1ed. Viçosa: Editora Ultimato, 2008.

RESENHA:

O PAPEL DE DEUS NO COSMOS: UMA ANÁLISE CONTEMPORÂNEA DA AÇÃO DIVINA NA NATUREZA SOB A PERSPECTIVA TOMISTA

Esp. Vinícius Barreto Machado⁵

SILVA, Ignacio. **Como Deus age no mundo?** o debate sobre a providência divina e as leis naturais. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

APRESENTAÇÃO

Apesar das incontáveis disputas entre a fé e a ciência no decorrer da história, é inegável a importância que a noção de um Criador divino, ativo, e distinto de sua criação, teve para a conceituação das leis naturais e para a possibilidade da racionalização do cosmos. Contudo, interpretações deterministas da ciência moderna, que colocam a causalidade natural como um sistema rígido e fechado, passaram a apresentar limites para quaisquer intervenções externas a este universo ordenado, atacando diretamente a imagem de um Deus que age diretamente em sua criação.

No ínterim entre duas profundas convicções – que todas as coisas no universo criado parecem ser causadas por outras coisas neste mesmo universo, e que há um Deus presente e providencial que cuida, guia e dirige o mundo e o curso de sua história⁶ – muitos têm se dedicado para contribuir ao debate, na tentativa de oferecer modelos que concatenem de forma satisfatória a ação providencial divina e a contingência natural. Com os avanços da ciência contemporânea, argumentos explorando o indeterminismo para localizar a ação divina vêm ganhando evidência, fundamentando-se em princípios da mecânica quântica e da teoria do caos.

⁵ Especialista em Teologia pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). Contato: vinibmac@gmail.com

⁶ SILVA, 2024. p.18

Há, contudo, um perigo nas formulações supracitadas. Estas se apoiam em “algumas suposições não examinadas sobre a causalidade que levam a abraçar uma solução e representação inadequadas sobre Deus”⁷, segundo Ignacio Silva, autor da obra abordada neste estudo – *Como Deus Age no Mundo? O Debate Sobre a Providência Divina e as Leis Naturais*. Este propõe, em revisita às ideias de Tomás de Aquino, que “a dependência completa das criaturas em relação a Deus é totalmente compatível com a descoberta de causas reais na natureza”⁸.

O filósofo Ignacio Silva, mestre e doutor em Teologia pela Universidade de Oxford e parte do corpo docente no Instituto de Filosofia da Universidad Austral, traz na obra em questão, o resultado de mais de uma década de reflexões e múltiplas publicações acerca da providência divina, em especial, sob a perspectiva de Tomás de Aquino. Seus diálogos com modelos contemporâneos de compreensão da ação divina, em especial com as elaborações do *Divine Action Project*, são uma excelente ferramenta para aqueles que buscam conhecer as contribuições que tais modelos trouxeram para o debate entre fé e ciência, bem como detectar dificuldades e problemas evidenciados nestes sistemas.

CONTEÚDO DA OBRA

O livro *Como Deus age no Mundo?* tem seu conteúdo dividido em cinco capítulos principais, coroados com bem pontuadas reflexões e aplicações do pensamento tomista sobre contingência e providência. Sua organização segue uma ordem lógica, que vai desde a história da metafísica da providência divina, até o aproveitamento dos escritos de Aquino para os dias atuais, como mais explorado abaixo. E lança mão de revisões e repetições daqueles conceitos mais densos em toda a extensão do livro, no que parece uma ótima alternativa encontrada pelo autor para auxiliar leitores menos acostumados com a temática a se manterem na linha de raciocínio que objetiva mostra-los.

Em seu primeiro capítulo, a obra preocupa-se em apresentar, ainda que brevemente, os caminhos da metafísica da ação divina providencial na história. Iniciando nas discussões islâmicas do Século XII, com Algazali e a ocasionalista teologia kalam de um lado, baseando-se na não-existência de qualquer poder ativo

⁷ SILVA, 2024, p.19

⁸ SILVA, 2024, p.28

na natureza externo às ações diretas de Deus⁹, e Averróis e suas ideias aristotélicas de uma natureza autônoma¹⁰ em oposição, Ignacio Silva desenrola a história, demonstrando a origem da participação de Tomás de Aquino no debate sobre o envolvimento do divino na causalidade natural. Aqui, alguns posicionamentos tomistas em reação aos pensamentos de sua época já são introduzidos, sendo resumidos na afirmação de que “Deus é ativo em toda ação natural sem suprimir a ação das coisas criadas”¹¹.

Ainda no capítulo de abertura do livro, o autor se preocupa em delinear o papel do surgimento do método científico, assim como das chamadas leis da natureza, apoiadas na ideia de um legislador divino e perfeito, no desenvolvimento da cosmovisão científica determinista do Século XX. Para esta última, “a natureza passou a ser vista como um sistema inteiramente mecânico, sujeito a todo tipo de explicações matemáticas, deduções e previsões, que não exigiam nenhum governante ou interventor divino”¹². Logo, a causalidade natural se tornou um sistema tão fechado, que não haveria espaço para as intervenções divinas na natureza. Isto motivou teólogos das últimas décadas a buscarem a reintrodução da ação divina na natureza e história da humanidade¹³, em especial com a interpretação indeterminista da realidade provinda de novos avanços na teoria quântica.

No capítulo 2, desenvolve-se sobre o debate contemporâneo sobre a ação divina providencial na ordem criada, sob o olhar dos quatro desideratos, ou critérios, que segundo Ignacio, têm regido tais discussões através dos séculos. São estes: “a onipotência de Deus; o envolvimento de Deus no mundo; a autonomia do mundo natural em seu funcionamento; e o sucesso da razão humana em conhecer este funcionamento”¹⁴. O foco maior aqui se dá na explanação, ainda que sucinta, das muitas propostas inovadoras para resolver o problema que dá título ao livro de Ignacio, provindas do que ficou conhecido como *Divine Action Project*, um projeto de pesquisa multimilionário liderado por Robert John Russel. De forma simplificada, o objetivo do projeto era argumentar que Deus não apenas é o criador e sustentador da criação (ação divina geral), mas também o condutor da história da natureza e da

⁹ SILVA, 2024, p.34

¹⁰ SILVA, 2024, p.36

¹¹ SILVA, 2024, p.40

¹² SILVA, 2024, p.49

¹³ SILVA, 2024, p.50

¹⁴ SILVA, 2024, p.60

humanidade (ação divina especial).¹⁵ Isto deveria ser feito através da busca por teorias científicas que acomodassem a ideia de uma providência divina não intervencionista, e fossem compatíveis com alguma espécie de indeterminismo ontológico.¹⁶

Já direcionando suas críticas aos modelos propostos pelo projeto, o autor do livro, ao abordar o desenvolvimento dos argumentos dos proponentes de modelos de ação divina quântica e/ou não intervencionista, aponta para a principal dificuldade com a maioria de tais propostas. Isto é, que se apresentam como uma escolha entre onipotência divina e natureza autônoma, e resolvem a aparente tensão colocando Deus como uma causa entre causas, nas lacunas em que a natureza não tem poder causal.¹⁷ Além disso, Ignácio propõe que causalidade é identificada, nestas propostas, com determinismo, o que impele os estudiosos a procurarem por brechas para a providência de Deus em uma realidade governada por um determinismo rígido.¹⁸ Sendo assim, os desafios apresentados demonstram como, por ventura de alguns pressupostos filosóficos não examinados, pelo menos o primeiro dos quatro desideratos tem sido rejeitado, em busca de uma solução que mantenha o governo e a direção de Deus sobre a história¹⁹.

Retornando ao pensamento de Tomás de Aquino, no intuito de resolver as insuficiências do debate contemporâneo sobre providência divina e contingência na natureza, o autor dedica os dois capítulos seguintes de sua obra para abordar a compreensão metafísica do Príncipe da Escolástica acerca de causalidade e das ações divinas. Uma vez que a noção de dependência é essencial para a compreensão de seu entendimento de causalidade, as quatro causas aristotélicas (material, formal, eficiente e final), bem como a ordem delas, defendida por Aquino, são trabalhadas de forma simplificada, porém suficiente, por Ignácio, tendo em vista o melhor entendimento do leitor da relação de dependência do efeito sobre a causa. A favorabilidade de Aquino frente à contingência e indeterminismo no ato das causas naturais, ou seja, a falha da relação entre a causa eficiente e seu efeito, também é explicada por Ignácio, podendo a fonte de contingência ocorrer por três

¹⁵ SILVA, 2024, p.62

¹⁶ SILVA, 2024, p.64

¹⁷ SILVA, 2024, p.81

¹⁸ SILVA, 2024, p.84

¹⁹ SILVA, 2024, p.94

razões: “1) relativas à causa em si; 2) a coisa material sobre a qual atua a causa eficiente; ou 3) o encontro de muitas causas eficientes”.

A explanação da metafísica tomista continua na abordagem de seu entendimento do envolvimento ativo de Deus em sua criação. Para Aquino, Deus, em toda sua perfeição, transcendência, completude e simplicidade, é a sua própria existência, sendo a existência de todos os outros seres uma participação e derivação, ainda que imperfeita, da existência divina.²⁰ Isto em conta, Tomás defende que Deus age de maneira tríplice na natureza. Primeiramente, na criação. “Deus é criador livre e um doador contínuo de ser e poder”²¹, sendo a própria fonte do poder e ser de todas as coisas criadas. Em sequência, há a ação divina em cada ação de cada agente natural, sendo Deus “a causa da ação de tudo na medida em que dá a tudo o poder de agir, e preserva esse poder no ser (os momentos fundacionais), aplicando-o à ação, e na medida em que, por seu poder, todos os outros poderes agem (os momentos dinâmicos)”²². E por último, pela via dos milagres, produzindo efeitos que a natureza não consegue produzir de forma alguma, operando diretamente acima da natureza, contra ela, ou para além das coisas criadas²³.

Em seu quinto capítulo, propõe-se o diálogo entre os modelos contemporâneos de ação divina não-intervencionista, citados anteriormente, e a metafísica da providência de Tomás de Aquino. A primeira resposta que pode ser encontrada em Tomás para os dilemas atuais se dá em sua defesa de um determinismo moderado, afirmando a possibilidade de efeitos pretendidos pelas causas eficientes não serem alcançados. Em sua compreensão, considerando Deus o ser de puro ato (no sentido de ato e potência) e de mais perfeita determinação, quanto menor a atualidade, maior a indeterminação no ser e, logicamente, na ação. O que é tratado como hierarquia do ser, e auxilia na compreensão do princípio de incerteza de Heisenberg.²⁴

A respeito da autonomia da natureza, não seria necessário buscar brechas para a ação providencial divina, segundo Ignacio. A posição tomista argumenta que Deus não exige quebras ou suspensões na ordem da natureza para agir, mas justamente a manutenção de tais regras, bem como de cada causa individual em sua

²⁰ SILVA, 2024, p.146

²¹ SILVA, 2024, p.173

²² SILVA, 2024, p.165

²³ SILVA, 2024, p.171

²⁴ SILVA, 2024, p.181

ação, é dada pela constante ação providencial de Deus nelas.²⁵ Além disto, Deus causa de forma distinta às causas naturais, já que seu efeito está em um nível diferente, não alcançado por estas. Mesmo eventos contingentes ou aleatórios podem ser entendidos como dirigidos por ação providencial, uma vez que têm Deus como sua causa primeira, causando tudo o que tem ser em tal evento, e ordenando seus efeitos indeterminados a novas coisas boas em sua criação.²⁶ Conclui-se que, por meio de causas secundárias, Deus intervém providencialmente no universo criado, orientando-o sempre para o fim que ele determinou por ser a causa eficiente principal usando um instrumento, mesmo quando as causas eficientes naturais falhem na produção de seus efeitos.²⁷

CRÍTICAS E CONSIDERAÇÕES

O livro traz como proposta quatro princípios orientadores para o debate acerca da ação divina e contingência natural, e muito satisfatoriamente utiliza tais desideratos em sua apresentação da compreensão metafísica de Tomás de Aquino, em vista às arguições contemporâneas apoiadas em teoria quântica. A maneira com que os pressupostos difíceis das perspectivas atuais são rebatidos pelo autor é clara o suficiente para que leitores recém-iniciados em filosofia possam ao menos compreender sua argumentação. Mesmo na seção mais posterior da obra, quando trata de objeções à perspectiva tomista, Ignacio destaca o conteúdo abordado nas páginas anteriores, e demonstra como os opositores de Aquino talvez se oponham mais aos retratos incompletos de sua doutrina, do que aquilo que de fato foi defendido por Tomás.

Se o objetivo de Ignacio Silva ao escrever *Como Deus Age no Mundo?* era apontar a metafísica tomista como uma posição viável para o debate atual entre causalidade natural e ação divina providencial, certamente obteve bom êxito. Apesar da densidade de alguns conceitos trabalhados, sua exposição de um Deus perfeito e transcendente, mas constantemente operante em meio à contingência do universo criado, não apenas se sustenta clara e logicamente por toda obra, mas direciona

²⁵ SILVA, 2024, p.198

²⁶ SILVA, 2024, p.203

²⁷ SILVA, 2024, p.204

seus leitores à uma visão mais sublime, alta e encantadora da glória do Criador sobre toda Sua criação.